

17

III

5







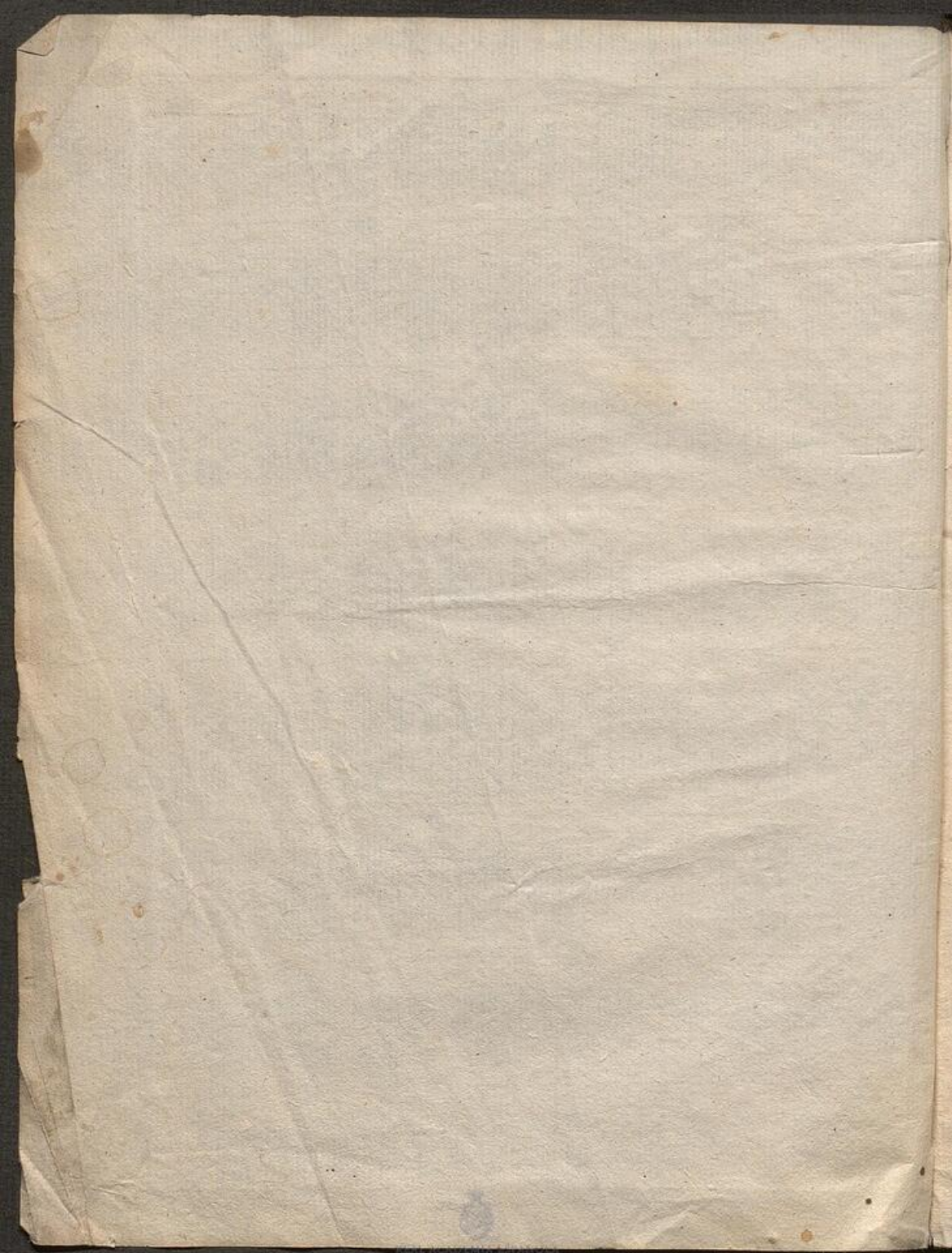
X

17-III-5



8a 1/2







1002-1



~~y-gaga~~



The title page is framed by a classical architectural structure. At the top is a pediment containing a central urn. Below the pediment is a decorative frieze with a repeating pattern of small circles. The main text is enclosed in a rectangular frame supported by two columns on the left and right. The columns are decorated with intricate vine and leaf patterns. At the bottom of the frame, a winged cherub (putto) is depicted, holding a scroll that contains the publisher's information. The entire design is rendered in a detailed, engraved style.

# CHANCAS


del ingenio, y dislates  
de la Musa.

*Dirigidas al muy noble, y Magnifico  
Sñor,*

**JERONIMO NUÑEZ  
DEACOSTA,**

*Cavallero hyodalgo de la caza de*  
**SUMAGESTAD.EL REY  
DON JUAN IV. DE PORTU-  
GAL, Y SU AGENTE EN  
LOS ESTA DOS DE  
HOLANDA,**

Compuestas por MANUEL DE  
PINA, Natural de la  
Insigne ciudad de  
LISBOA  
Año 1656.

A circular purple ink stamp is located in the bottom right corner of the page. The text "BIBLIOTHECA" is curved along the top inner edge, and "ESPARGO" is curved along the bottom inner edge. The center of the stamp contains some illegible characters.



CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS

CHANCAS



*Carta Dedicatoria ao* Sñor JERO-  
NIMO NUNEZ DA COSTA,

Cavaleyro Fidalgo da caza de S. MA-  
GESTADE EL REY D. JOAO IV.  
DE PORTUGAL, e seu agente nos  
ESTADOS de HOLANDA.



Arece Sñor meu, que contradiz  
às veras comque dezejo recohen-  
cer os favores de Vm, e grange-  
ar novos grãos em sua graça, pro-  
curala com as graciozas zomba-  
rias em que se devirtio a Muza, de meus primei-  
ros annos, mas se bem se concidera, não podia,  
eu dar principio a meu dezempenho se não  
rendendo graças, este he o cabedal dos que  
pouco podem, e a mais importante circunstan-  
cia, dos que justamente agradecem; recompen-  
sar o beneficio e servilo, he aliviar a obrigação,  
confessar os recebidos e pretender outros de  
novo, he prezar-se da fugeição, e renova-la, fian-  
do cadavez mais da generozidade do bem fei-  
tor. Os primeiros frutos de meu engenho, são



estes que agora sãem á luz do Mundo, de direito os havia de offerecer à Vm, como aquem mais devo, não supoem tanto o valor do presente como o indicio da gratidão, não he novo no mundo que hum açor, ou hum cavallo sirvaõ de pareas por todo o valor de hum Reyno, porque nisto, se argumenta o reconhecimento, não se valua a dadiva, com o sangue de huã victima se resgatava muytas vezes, o innumeravel de hum povo, que a efficacia do Sacrificio consistia no animo, enão, no animal; minha intenção he dedicarlhe à Vm. os primeiros partos de minha curiosidade, pudaõ ser de mayor excelencia, equando o fofraõ, lhos não defraudàra, não deu mais o talento, porem quanto deu poem a gratificação a os pez de Vm, que faltàra à ella se dera nome de meus a estes renovos, sem que os authurizasse o de Vm, eu fico acreditado contribuindo o que pude, elles vaõ confiados, por que lhe não podia dar melhor protector, e Vm. com os aceitar lhes darã a estimação, por que se por elles,



elles, e por mim se lhe negar o aplauzo, ao-  
menos, o respeito do Mecenas reprimirá a  
liberdade do juizo, se os defeitos da obra,  
me dezacreditarem, o acerto da eleyção no  
patrocinio, será louvavel, e por tantos titulos,  
que seria injustiça, não lhos tributar. Para  
o effeito se requerem fugeitos de calificado  
nascimento, condignas prendas, e talento re-  
levante, todos estes requeziitos, verá em Vm.  
a muy larga distancia, a inda o menos a tento,  
pois o que lhe não descobrir a concideração,  
lhe dirá a fama. A os Promoginitores maes  
remotos quem poderã negar lhe, o esclarcido?  
em os successivos, quem notará acção que de-  
genere? no Sñor DUARTE NUNES  
DA COSTA, pay de Vm, quem não  
achará exemplos que seguir, e vertudes, exem-  
plares que imitar? he tal a semelhança em os  
dotes do animo, que posto que se ignorára o  
grao, precisamente o indicara a conformi-  
dade, hum, e outro sabem contrapezar, de-  
sorte o respeito, e a affabilidade, que nem esta



padece, a çençura defacil, nem aquelle, se roça  
em altiveza, ou peca de estranho, effeito bem  
conheçido, de seu descurso, e prudencia; Lo-  
graõ a opiniaõ, de Magnificos, sem o descre-  
dito de prodigos, ensinaõ a vrbanidade, sem  
comissos de adulaçaõ, tudo ponderou (naõ se  
duvida) quem lhes fiou o peso de negocios taõ  
graves, e resigna, em sua disposiçaõ obom  
logro delles, escuzando empregar em taõ im-  
portante, assistencia outros fugeitos de seu  
dominio; vltimamente para que cerremos  
a clauzula dos motivos que me obrigaõ,  
achase em vñ. apiedade e religioza, sem as elco-  
rias da hypocrezia, o zello, sem affectaçaõ,  
a liberalidade, sem vangloria, e a amizade,  
sem cautela. E assym donde concorrem juntas  
tantas graças, herdadas, e adqueridas, que  
muyto que as de minha Muza, a quizessem  
bulcar nos animos de quem as ler, recomen-  
dando-se o dono em a de Vm, se lhes parece-  
rem tais que valhaõ a pena para devertilas, de  
lhe de graca algum momento dos ociozos,  
que



que não he vicio furtar-se, ao virtuozo, e precizo, para o indifferente, posto que não se presumelição, em que não haja alguma, vtilidade, se a applicação de quem lê a não deprava, o que lhe parecer mais licenciozo, passará por graça, e se eu a tiver, de que lhe contentem estes disbarates, que talvez rebução ponderações muy sezudas, farey propozito de escrever com elle, e então o conseguirey, quando em alarga materia, que vay offerecendo-me, o fugeito de Vm, empregue os esforços de minha capacidade, em os elogios de suas acções, e perdoeme, o que por hora não digo, em fé, do que espero dizer prezentandose a ocazião, e quando não pareça lizonja, que me consta omuyto que a abomina Vm. a quem. Ds. guarde e conceda os aumentos que merece elhe dezejo,

Humilde criado de Vm.  
*Manoel de Pina.*







## Sñor Lector,

Sy Vm. fueretan amante delaverdad, como fuele ser criminal en las censuras, facilmente confessará, que de quantos se la piden yo soy el primero que vengo a hazelle md. los dos entramos ganando, vmd. el titulo de ver se tratado con mas decoro, e yo, quando nada, el de Magnanimo, pues entro haziendo mercedes, no es recelo la summiçion, pero desseo, de presentar alguna novedad al gusto, o añadir materia á la tixera de los censores, que para my todo es vno : la merced se deve al que la haze; la que pretenden mas, muchos de los que escriven, es el gasto de sus libros, sin reparar sy les aguardan a plausos, o les persiguen vituperios, que esto del buen nombre, y la gloria, anda vinculado à Philosphos, y Santos, vnos, affectando desprecios del oro, y los otros del mundo; yo, mas alo politico, intento ganar por cortesia loque mayores fugetos se llevan de derecho;

B fin



fin esto, no hare poco sy redimo a los prologos  
de descortes, o de padres de familias, a quien  
jamás se les cae de la boca la imperiosa sequedad  
del amoroso affecto, de vn sempiterno tu: yo  
le huyo, y me llevo a Vmd. no para que me  
ampare, y defienda, pero para que me compre  
que ny me tengo por tan malo que me dé de  
balde, ny a vmd. por tan mezquino, que lea  
de mogollon, no digo que soy de los que ny  
deven, ny temen, que al contrario temo, y  
devo, y así libro en este, el dezempeño de al-  
gunos, en que me tienen asentado o por mejor  
dizir caído; no me dezanima el refran vulgar,  
honra, y provecho no caben en vn saco, por  
que sy me presuadiera â creello se quedàran  
estos borrones en el que los guardava a riez-  
go de los dientes de vn raton, sin exponellos al  
que llevan entre los de algunos mormuradores;  
no ignoro qual de los dos supuestos es mas esti-  
mable, y seel que se escusa menos, pero no  
quisiera fiar el acierto, de graduallos, a my  
eleccion, por no arriesgar las obligaciones de  
hon-



rado, en las desculpas de menesteroso, sy bien  
acar vna obra a luz, y quedarme yo a escuras  
uera no vlarla de charidad con migo; apre-  
ado pues del argumento, he quemado las pe-  
tañas, y almorzado las vñas mas vezes en la  
verdadera exposicion del porverbio, que en  
la composicion del metro; la comun es, que  
honra y provecho no caben en vn saco, por  
que rara vez se conforman, o jamas se aunan,  
con que vienen a parecer contrarios, e in-  
compatibles en vn sugeto, pero no es esta  
el alma del texto; à mi proposito es otra  
la interpetacion, a saber, que hay ocasio-  
nes (como por exemplo esta) en que no  
es capaz vn saco, por grande que sea,  
para encerrar los vtiles y honores que es-  
pero de Vmd. y no mediga que meto a sa-  
co la sentencia, bolviendo o estirando, el sa-  
co como me acomoda, y que sy algunos por  
boca de ganço, yo hablo por boca de sa-  
co, contentese que no le vendo nabos  
en el, y que saco a publico el trabajo  
B 2 de



de tantos dias , por que haze muchos que  
quento por horas los instantes , para lograr el  
premio en la benevolencia de Vm. y creo  
no será menguada la enque llegue a sus  
manos este my papel , conque , muy a lo na-  
tural hará el de Alexandro , generoso en  
perdonar , y manirroto , en agradecer. Ha-  
blemos algo de veras (si el genio me lo permite)  
y certefiquese vmd. que obligado de la inf-  
tancia que me hizieron diversos amigos,  
pongo en la estampa estos papelones , y echo  
alayre , en ellos , la opinion ; plegue a Dios , y  
a vmd. que quede ayrosa , todos me dieron el  
motivo , ninguno las alas , y estos papagayos  
de papel no vuelan sin viento ; ya vmd. echa-  
rá dever el que voy siguiendo , y el poco que  
tenemos en popa la obra e yo , para que cor-  
ramos con prosperidad : animo pues galanes,  
entren en la venta , (de los libros digo) y come-  
remos todos , yo versas , y Vmds. versos yo  
regalaré el cuerpo , y Vmds. deleytaran el  
alma , facando , podra ser , la mia de algun pur-  
gatorio



gatorio, que en lo penoso, y prolongado logra preeminencias de infierno; y si yo lo mereciere por mal poeta, los que me lean lo escuzaran en virtud de la paciencia en sufrirme, y la benignidad en perdonar mis faltas, con que, y la buena paga del libro, me doy por pagado, y sinò, en esta, y la otra vida, no les asseguro de los reveles de my pluma, que tiene mas agudos los filos, que la Tuzona y Colada, y en el mundo de las verdades, todo ha de salir en ella: no quisiera fiallo tan largo, por que ni yo la esperança ny Vmd. perdiessse la memoria; en la mia quedará inpresso el favor de Vmd. ly salgo con gusto desta inpression y me animaré, a otras enpresas, que todas quedarán como trophéo a los pies de Vmd. que Dios me guarde, y prospere con mas figlos de duracion que la cudiçia, y el deseo el saber que nunca envejecen,

Vale. lo que dieren por el.



Ad Autorem

E P Y G R A M M A.

*Carminē, Pina, tuæ possum quid dicere laudis?*

*Si tua pinna volat, cum mea pinna manet.*

*Plurima PINA, refert uno tua pinna volatu*

*Carmina, prælapso tacta lepore tuo.*

*Aurea Phæbus habet PINA diademata, namque*

*Quod non innumeræ PINA fecere, fecit.*

*Lusitanus Anonymus*



Del Doctor. JUAN de PRADO  
Al AUTOR.

**L**a Alpina niebe en el candor que ostenta  
Es Pina, menosterza que tu musa.  
La voz de Thrazia tu armonia acusa  
Porque en su abe invidia se alimenta.

**D**octo Marzial sus sales desalienta,  
Respectando en los tuyos grazia infusa  
No dulce morador playa difusa  
Mas acorde al Caistro le frequenta.

**I**nconstante acreditas bruta roca,  
Y el bago viento a roca firme inclina  
Quanta movilidad tu pulso toca.

**T**u alabanza mi pluma no termina  
Que en tus saladas ondas se sufoca  
Sin darle tu agudeza mala alpina

Del



Del L<sup>do</sup> Dom: JOSEPH CARRERAS  
al AUTOR,

S O N E T O,

**C**on tal donayre Pina oy saca al Mundo  
Las chanças por equivoca destreza  
Que inculca entre dislates la agudeza  
Con vn estilo raro, y fin segundo.

**T**ropieça en lo suave lo fecundo,  
Penetra en lo moral la sutileza,  
Su voz, en cada termino, es empresa  
Y en cada voz, su termino, es profundo

**Q**ue mucho, que su estilo al Mundo assombre  
Si duplicada adquiere la alabança  
Negandole la fama sus remates!

**P**ues librando dos palmas a su nombre  
Vna lleva el ingenio por la chança  
Otra goza la Muza por dislates.

Del



Del ALFEREZ DON NUNO  
de FIGVEROA al AUTOR.

**D**uda la admiracion, la mente duda,  
Si tu merito passa las espheras,  
Pues dueño de las burlas, y las veras,  
Te publica la fama nunca muda.

**T**oda agudeza à tu respecto es ruda  
Que excediendo las plumas mas ligeras,  
Lo grave, y lo jocosó confederas  
Contra la emulacion siempre fañuda.

**B**ifronte Musa, en apacible agrado,  
Ciñe à tus nobles sienes, con decoro,  
Todas las ramas del laurel sagrado.

**D**el metal de tu vos, rico thesoro,  
Te labras la corona, que hás ganado  
Por la pluma, y la vos Docto, y honoro.

**D**

**Del**



De JUAN de FARIA, al AUTOR  
SONETO.

**A** dulce suspencion, el cuerdo oido,  
Airoso atrahes con discreta mano;  
Sy con la una, Apolo queda ufano;  
Sy con las dos, Orpheeo convencido:

Al de amphion aplauso; enriquecido  
Ha; tu plectro canoro, y soberano;  
Y sy te expones al Mauorte llanò  
De triumphante laurel teves ceñido.

A ora condiflata tu Thalia  
(Para que se eternisen tus memorias)  
Equivocando accentsos da tu empleo

O quien de amor pudiera hazer valia  
Siendo a proclamador de tantas glorias  
Apolo, Amphion, Mavorte, Orpheeo.



## Do Mesmo ao Autor.

**P**or tributo consagra à Gerarquia  
Donde o senhor de Delo he venerado  
O genio mais luzido; e sublimado  
O que nelle influio sabia Thalia.

Corregido daquella luz do dia  
Da Gigantea Deoza proclamado  
Lhe constitue a plauzo eternizado  
O nome de immortal que merecia:

Affim quizestes vos; (qual tributario)  
Em dislates das Muzas (doce empenho)  
Com brincados conceitos, dar doutrina;

Mas Apollo que vio taõ rico erário;  
Diz. [coroando ledos vossos emgenho]  
Outrem não cante mais pois canta Pina



Del Doctor Juan de Prado, al Autor

**N**O solo vn vital aliento  
Terige, ilustra, e informa  
Queno cabe, en una forma,  
La extencion de tu talento.  
A tu menor gracia a tento,  
El mas perito se admira,  
Pues en quanto Febogyra  
En inezante del velo,  
No à comunicado al fuelo  
Igual Genio, Plectro, y Lira.

Tanto elevas los sentidos  
En los objetos que offreces,  
Que estan, por lo que mereces,  
Obligados, y offendidos.  
Que los ojos mas dor midos  
Gustan de la luz mas bella,  
Pero vna intenza centella  
En su mayor esplendor  
Con inculpable rigor  
Si luz sella, offensa sella.

Felis



Feliz tu pluma camina  
A laurearse ligera,  
Y en la mas excelsa es fera  
Sobre los astros se empina  
Y como nunca declina,  
De los celestiales vèlos  
En continuados anhelos  
Divino influxo recibes,  
Y assi Pina, en quanto escribes:  
Siempre escribes de los Cielos.

Suave Thrazia armonia  
Excedes, jocofo, y grave,  
Que toda experiencia sabe  
Fuerças de tu melodia.  
Penas del mas triste dia  
Deja con tu, accento, el alma  
Que siempre pezares calma,  
A vista de amigo fiel,  
Y te adquiere sin nìbel  
Cedro, Oliba, Laurel, Palma.

En fin en quanto dilata  
Su curso aligero coche



O en quanto esconde la noche  
Sepulcro, o cuna de plata  
No ay influencia mas grata,  
No ay mas espasio al deseo  
No ay mas balor, mas aseo  
Pina, ni ingenio, que el tuyo,  
Que enti vive, à lo que arguyo,  
Apolo, Marte, y Orphee  
Que baliente oposizion,  
Hija sola de la idea  
No faldra vencida, y fea,  
Sile hazes contradicion  
La mas sublimada accion  
Es bien tuya se prezuma,  
Y que la imbidia confuma  
Ver que resiste a fudiente  
Letal, tu spirito ardiente  
Con espada, lira, y Pluma.



De Vn amigo al Autor.

**M**usa festiua, y jo bial,  
Tanto donaire te inspira  
Que nos delira, su lira,  
Y nos fazona su fal.  
Aun que imitasa Marcial,  
La estrataxema condeno;  
Pues que de Equivocos lleno  
Dandolumbre al arcabuz,  
Aqui nos muestra la luz,  
Y alla nos rebienta el trueno.

Con singular inventiva,  
Nos compone tu Eloquencia,  
Adosluzes la sentencia,  
Y el concepto en perspectiva.  
Sibuscas que ynmortal Viva  
Tu nombre, de olvido elento,  
Enti està tu luzimiento:  
Guarda[asfi te guarde Dios,]  
Tus versos para tu voz,  
Tu voz para tu instrumento.

Del



De FRANCISCO GOMEZ  
BARBOZA,

**E**n las burlas, y en las Veras  
Que ingenio o Pina os iguala?  
En todo os llevais la gala  
Deluzidas primaveras,  
Penetrando las esferas,  
Tan constante al sol mirais,  
Que fus atomos contaís,  
Tan general os contemplo,  
Que en las veras dais exemplo,  
Y en las burlas deley tais.

No siempre el saber consiste  
En lo grave, y lo pomposo  
Por que, talvez, lo jocofo  
Demas adorno se viste.  
El docto ingenio que assiste  
A la elecion de los dos  
Pregona con dulce voz  
Que en lo grave los primores  
Y en lo burlesco las flores  
Todo es de flores en vos.

Del



Do P.M. Carvalho ao Autor.

**P**lantaistaõ diversas flores  
Neste jardim do Parnazo,  
Que da planta de Pegazo  
Nãõ podem brotar melhores.  
Como saõ taõ superiores  
En fragancia e resplendor,  
Bem mostraõ no seu valor  
Que as mais lhes pagaõ tributo  
Pois sempre estaõ dando fruto  
Por serem das flores flor.

Hum ramalhete formais  
Destas flores perigrino,  
Ficando o humano divino  
Pera serem 'immortais,  
Bem se ve pellos finais  
Effeictos desta rezaõ  
Pois sendo vos o escriptaõ  
De conceitos taõ celestes  
Tantos co amaõ escrevestes,  
Que a todos gan hais por maõ.

D

por



Por melhor se conhecer  
Vosso engenho em tudo primo  
Fazeis de rimas arrimo  
Pera qualquer entender  
Todos podem compreender  
Neste compendio de estudo  
O jocozo, e o sezudo  
Porque com engenho e arte  
De tudo tem tanta parte  
Que se pode saber tudo.

Se Apollo por celestiais  
Cantos, foi Deos da harmonia,  
Com rimas de melodia  
Taõ bem vos vos endeozaes  
Obraõ suavidades tais  
Seus armonicos conceitos  
Que obrigaõ quaisquer fugeitos  
Fazer de admiraçaõ pauza  
Sendo voz de tudo a cauza  
Conhecida por effeitos.

FABVLA



FABVLA BVRLESCA  
DE  
JUPITER Y EUROPA

**D**e Agenor, Rey de Fenicia  
Hija Europa, tan bizarra,  
Que siendo parte del Mundo,  
Todas las del Mundo abarca.  
Saliò vna tarde de Agosto  
(Ay quien dize a comer natas)

Con dos vezinas, que fueron  
Africa, sin duda, y Asia.

A darse vn verde seria,  
Pues por el campo buscavan  
Entre lo roxo, y lo verde  
Flores, para hazer guirnaldas.

Hàzia la mar le conduze  
Inspiracion, alta, y baja



Y el ver toros, avn que fuesse  
Tan al viento la ventana.

Llegaron pues â la orilla,  
Donde paze vna vacada  
En la qual vn blanco toro,  
Entre los mas, se señala.

Era el Dios luxuria, o chispa  
El reboçado en la maula  
Que por gozar, fu hermosura  
Hecho dos cuernos estava.

Vidole Europa apacible  
Y entre toda la manada  
Apetece al blanco, siendo  
Ella el blanco, de sus ancias

Quiere acercarsele, y teme  
al des gayre vna cornada,  
Que de la buelta del toro  
Son pocos los que se escapan,

El Socarron que conoce,  
Que està la moça a sustada  
Y tiene toda su suerte  
En que al toro, se la haga,



A su modola acaricia,  
Y con la cabeça baxa  
Parece que està diziendo  
Que quiere besar sus plantas.

Llegase, y sin ser Medoro,  
Y eruasle plica a su pança,  
Y el agradecido amante  
Lame sus manos de plata

Sin duda que el romadiço  
Sele pegò de mañana  
Y para ablandarla el pecho  
El la medor la regala

Avn que el ardor de sus ojos  
Tanto à Iupiter in flama,  
Que son la meduras besos  
Con vna lengua de à vara.

De mil flores le guarnece,  
Y sentada en sus espaldas,  
Quiere hazer juego de toros  
Sy el, de fortija, y de lança.

Apenas le tomò el peso  
Quando le dixo, leviana



Sy eres guevo, y qui eres sal  
Yo te passare por agua.

Con la presa al mar se arroja,  
Bestia, pero bestia mala,  
Pues a los lances primeros  
Se quiere, echar con la carga.

Pies en espumosa puso  
Yendo que se las pelava;  
Ella agarrada de vn cuerno;  
El asido de sus faldas.

Bozes davan las dos Ninfas,  
Y en el dezierto las davan,  
Grita Europa, y no le valen  
Los follofos, y las ancias.

En el bergantin de hueessos  
Gallarda fulca las aguas,  
Y con llevarle à la vela  
Va con dos remos por banda.

Dado aperros y va el toro  
Como si fuera en la plaça,  
Y fordo a tanto suspiro  
Teme Europa, pero el, nada.



Perlas de mas de dos onças  
La hermosa ninfa llorava,  
Y era, echar perlas à puercos,  
Con el novio de Xarama.

Fabor, Iupiter, decia  
Y el responde, con vos baja  
Nodel Cielo de sus glorias  
Mas del suelo de sus nalgas

Que poco sabes pobreta  
A donde tiendes la raspa,  
Debajo estande tu mano  
La parte, el juez, y la causa.

Pero ya no ay mas apelo  
Que a los pelos de la manta,  
Dexa que te ocupe toro  
Sinò quieres quedar vaca.

Oy dize avra grande choque  
En la esphera de la cama,  
Que en oposicion dos signos  
Toro, y virgo, dan batalla.

Llegaron, a Creta, donde  
Viendose la Ninfa aislada,

Y



Temia del laberyntho  
La salida, no lo entrada  
La cabellera de cuerno  
Se quita el Dios de las trampas  
Y se defuella, el pellejo  
Para quedar se en carnaças.

Siente la accion mucho Europa  
Por que diran lenguas malas  
Que le à quitado el pellejo,  
Y es, en cierto modo, esta fa.

De que firven los disfrazes  
Dixo con dulces palavras?  
Torear, es galanteo  
Pero el ser toro es infamia.

No he visto transformacion  
Mas bestia, y mas escusada,  
Que dexa el que se haze toro  
Para el tiempo en que se casa?

Iupiter que estava ya  
Con la luxuria a somada,  
Y con sus onze de oveja  
Freze de toro amenaza,



Le tomò por las orejas  
Fineza menos vfada,  
Que Europa, aunque està en pieça  
Delgada, y fina vellaca,  
Malvas, y paja le firven  
Delecho a la desdichada,  
Yaunque en malvas no ha nacido  
Oy se ha dormido en las pajas.  
De su flor Iupiter vfa,  
Fullero de mas de marca,  
Y à la primera que juega  
Haziendo flux se la clava  
Mitiga el ardor el guſto,  
Y la fineza las ancias,  
Queno se siente el dolor  
Sy con guſto se trabaja.  
Dava el copioſo fudor  
Da ſus cuerpoſtal fragrancia  
Que el lecho humilde parece  
De jaſmines, y retamas.  
Mas ya el a repentimiento  
Iunto del pecado estava,

E

que



Que en afloxando el amor  
El apetito adelgaça.

De sus braços le retira  
Quedando la pobre dama  
Contanto mas que de nazo,  
Bien herida, y mal curada.

Al Cielo Iupiter fube  
Dela cama mas cercana,  
Que sus cielos, y sus glorias  
Siempre an parado en la cama.

En buelta en lagrimas tristes  
Dize con amargas ancias  
Ay glorias de amor, a penas  
Dormida, quando soñadas.

Huye el Dios rufian en fin  
Y deja Europa burlada,  
Para que en ella escarmienten,  
Las solteras, y casadas.

Y sepan que el mejor campo  
Dela muger es la casa  
Por que siempre las salidas  
Suelen parar en entradas.



*A vn amigo havien<sup>do</sup>sele presentado vn  
perro que le alabar<sup>on</sup> de gran  
caçador no siendolo.*

**C**astigo, y no reconpen<sup>sa</sup>  
Merece quien fue tan malo  
Que atitulo de regalo  
Supo reboçar la ofensa.

Lo mismo os fuce<sup>de</sup>, es cierto,  
Con el dueño vengativo  
Que os presenta un perro vivo,  
Por daros vn perro muerto.

De caça le haze el traydor  
Para engañaros con traça,  
Mas sy carne y pan son caça  
El perro es gran caçador,

Sy la colera os assoma  
Oy sin castigo no passe  
Pues por dar perro que os cace  
Os dâ vn alano que os coma.

Y ferâ no table yerro  
Que toca en mas que opinion



Que seays como Ateon  
Comido de vuestro perro.

De que tal hambre letõme  
Encierto modo embaraça,  
Pues tanto espanta la caça  
Quanto espanta lo que come.

Enel campo el que es fiel  
Pâra con destreza rara  
Y este en la casa onde pâra  
No pâra nada con el.

Como de muestra serâ  
Siendo habilidad tan diestra  
Con migo, fuera el de muestra,  
Pero yo con el de dà.

De vos estoy admirado  
No conocerle la raça  
Y que para ser de caça  
Wiera de ser delgado.

Y este, estan gordo, y tan feo  
Que sera forro merece  
De calçon, por que parece  
Mas que de caça, de angeo.



Aunque aqui para los dos,  
Por que lo demas es sueño,  
De caça lellama, el dueño  
Por que vê que os caça à vos.

Imaginandoos baxel  
Oy fu amo temerario  
Haze su perro cofario  
Por daros caça conel.

Rayaseos pues de la cholla  
Querer Señor sustentar  
Quien solo sabra caçar  
Alla engarganta la olla

La caça, dize el refran  
De gangas, portal le brel,  
Pues los que fueren con el  
Acaça de gangas van.

Porfia, fuele dezir  
Mata la caça el vulgar  
Y el no trata de matar  
Solo trata de vivir.

Dexad Sñor tales yerros  
Porque quien la ciencia abraça



No àde ser dado a la caça  
Por que no ande dado a perros.

*A una Sñora que recordando alas voces  
de vn hijo suyo, se levanto sin luz,  
y dio con la cara en la chaminea.*

**L**a que tantas almas rinde,  
El cuerpo rendido dava  
A la lisonja del fueño  
Entre las savanas blandas.

Despues de aver desnudado  
En el umbral de la cama,  
Vn Cielo de requeson  
Vn promontorio de natas.

Tomando en la blanca mano  
La bacinica de plata  
Para dizir agua vâ  
En boz y corriente baja.

Dando con el vulto todo  
Entre las peludas mantas

A vn



A vn que no le viene à pelo  
Y està que se las pelava,  
Matò de vn soplo la luz  
Y con ella la esperança  
De topar quien la encendia  
Al tiempo que la matava  
Mal dormida, y mal despierta  
A penas la pobre estava  
Despues de contar las doze  
Que vna mas mejor contàra  
Quando al ecco de vn suspiro  
Que el ayre nocturno vaga  
Mucho assombro, en poca voz  
Ningun cuerpo, con mucha alma.  
Asustada despertò  
Y conoce, avn que asustada,  
A la luz del querer bien  
Que son de vn hijo las ancias.  
Echa vna pulga de alcorça  
Saltos en la cama dava  
Sin topar con que se vista  
Ya que quien le embista falta,

Saltò



Saltò de la cama en fin;  
Sinò en faldellin, en falda;  
Y no tuvo España entonces  
Mas abrigo que de olanda.

Ciega en la luz de sus ojos,  
Con la puerta no acertava,  
Y ofuscada en el dolor  
Desconoce lo que palpa.

El portal busca la pobre,  
Y portal le imaginava,  
Con la fachada no dio  
Aun que dio con la fachada,  
Malayala chaminea

Aun que no tanto malaya  
Que el que va desnudo y frio  
Busca el cariño en las brazas,

Sino es que ya las columnas  
Ymbidiosas, y affrentadas  
De ver las suyastan bellas  
Duramente le maltratan,

Pero a las bozes del joven  
En vela toda la casa



Se livraron muchos fustos  
En la luz de vna criada.

Cobrose Celia, y cubriose  
Que el frio, y amor, le causan  
Mal de madre por dos m. dos  
Mal de padre por mil causas.

*A vn amigo, ausente que por ocasion del  
yelo no podia dar la vuelta a su casa.*

**E**Nero Alguazil de Flandes  
Que todas las aguas prende,  
Sin duda os prendio Señor  
Por que os vido tan corriente.

Al que llevan a la carcel  
En españa le detienen  
Sy le llueven los embargos,  
Pero aqui, fino le llueven.

Encarecer no podré  
Lo que los amigos fienten  
El veros elado, quando  
El lado vuestro a petecen.

**E**

**Al**



Al plazer, que se a tajò  
Con algun pesar, se suele  
Dezir que à venido aguado,  
Mas este, sin agua viene.

Labradores parecemos  
Quando empieça el año esteril  
Que todas sus peticiones  
Las hazen por que no llueve.

Todo este conclave enfermo  
De vuestra ausencia, padece,  
Y sin duda son tercianas  
Pues que por agua se mueren.

Llover sobre lo mojado  
Supercheria parece,  
Y oy los diluvios à pares  
Fueran gustoso deleyte.

Pacencia tendremos todos  
Hasta que en rigor tan fuerte,  
Moças de fregar, las nubes  
Del Cielo aguavà dixieren.



*A vn Moço que Justiciaron por  
Ladron.*

**A**l hijo del organista  
Oyle àn subido à gran puesto  
Mas teniendo tantas partes  
Iusticia con el hizieron.

Preciavase de tocar  
Guitarra , y era tan diestro  
Que nunca à dexado trašte  
En que no ponga los dedos.

Enel arte de dançar  
Era el moço tan ligero  
Que hazia treynta mudanças  
Entrando en vn apozento,

Como era pintor sacava  
En qualquiera casa luego,  
Sin pinzel, pieça, por pieça  
Todo quanto estava dentro.

Esel pobre tan afable  
Tan cortes, y tan modesto



Que avn de noche a los que encuentra  
Suele quitar el sombrero.

Por escalar quinze casaf  
Le á condenado el proçesso  
Que jugador de pelota  
Dio quinze y falta, a sus dueños.

Por resistir le castigan,  
Como sy no fuera bueno  
El resistir siempre vn hombre  
A los malos pensamientos.

A la carcel le llevaron,  
Y ay quien dize que fue preso  
Por vnos yerros de culpa,  
Por vna culpa de hierros.

A vnque, bien considerado  
Imagino, y es lo cierto,  
Que de ser preso la causa  
Fue, por que andava tan fuelto.

Para 'descargar sus culpas  
En el teatro le an puesto,  
Aunque le ataron las manos  
Con algo que le dixieron.



Y aunque le suben, y baxan;

Y a no teme los extremos.

Que para passar la vida

De tres, le eligen vn medio.

A la fortuna parece

En las bueltas y meneos

Y a la ocasion por que alguno,

Sê que le asiò del cabello.

Y despues de mil debates

Huvo persona de peso

Que echò para conseguirle

La soga tras el caldero.



CARTA A DON JERONIMO  
DEL REY,

*Cavallero de pequeño Cuerpo natural  
de Granada , Secretario de Don  
Diego Giron pidiendole la paga  
de una harpa que le vendia  
plazode nueve meses.*

**E**sta es Sñor la primera  
Que os escrivo en tal fugeto

Aun que la primera no  
Que vâ de mi mano en verso:

Primera de cambio es  
Que va buscando el acepto,  
Y primera si le dais

Oros con que pueda serlo.

Primera en la preferencia  
Que sea es lo que pretendo,  
No primeriza, por que  
Suelen tener partos rezios.

Pero para que me canço  
En hablaros por rodeos

Avn



Aun que seais secretario  
Si aquesto no son secretos,  
Hablemos pues en romance,  
Y lo critico dexemos,  
Para Gongora, que yo  
En que me entiendan me entiendo  
    Ñor yo vengo à acordaros  
(Perdonadme si os despierto)  
Mas como es al son del harpa  
Eslifonja, y no desvelo.  
La que le os vendio en mi nombre  
Y en obediencia del vuestro,  
Y que es menester tener  
Palabra de Rey en ello.  
Pues tres partes principales  
Teneis para poder serlo  
De mas del todo, que son  
La patria, renombre, y cuerpo.  
Ya sabeis que era razon,  
Passado tan largo tiempo,  
Que pues vos tocais el harpa.  
Que tocàra yo el dinero.



A plazo la àveis comprado,  
Y pues dize vn refran viejo  
No ay plazo que no se llegue  
Lode mas os recomiendo.

Treinta elcudos son Señor  
Los que por villete vuestro  
Me sustentan la esperança  
En la fè del desempeño.

Y an passado nueve meses  
Sin que en todo aqueste tiempo  
De antojo os pidièse nada,  
Que tengo preñados buenos.

Pero ya no puedo mas,  
Que como entra el mes de Henero  
Empieçan fieros dolores  
De çastres, y çapateros.

Y es gente que quiere paga  
En quartos, y no en quartetos,  
Fian hasta aqui, y despues  
Porfian hasta el dinero.

Eldaros aquestas quantas  
Me à parecido bien hecho

por



por que tras quantas de gásto  
Siguen los recibos luego

Y pues sé que me escuchais  
Condolido de mi a prieto,  
Aun que en efeto, esto os pido  
Lo que quiero, es con efeto:

Considerad que en lo breve  
Es legal este compendio,  
Y que a sazón aplicados  
Dan los remedios, remedio.

No está malo el concetillo  
Desde oy, en mejor conceto,  
Me tendré pues sentencioso,  
Discurro, y me escurro, aun tiempo.

Vaya un poquito de chança  
Pero versos pedigüeños,  
De chança bien podran ser,  
Mas de gusto, no lo creo.

Y assi me buelvo ami carta,  
Que hazerla de pagò espero,  
Y en falta de excomunion,  
O executoria a lo mejos:

G

Si



Si á lo triste de mis queexas  
No abris Señor vn talego,  
Que es el oydo a quien hablan  
Estos mal limados versos.

Y para hazello mejor,  
Teneis a la puerta Henero  
Que es mesmas de gatos vivos,  
Señor que de perros muertos.

Y con esto á los amigos,  
Por dezir algo de nuevo,  
Le pondreis mui bien las manos,  
Cubiertas digo de besos.

Y avn pudiera ser peor,  
Vna vez que en besa en pieço  
Pero no empieço, que acabo,  
Y aun que de rato, syo vuestro.

A vn



*A vn Italiano que fingiendose merca-  
der desollò decien cueros de  
Moscovia avn  
Flamenco.*

**E**ste, de los embusteros,  
Faraute, el mas señalado,  
Tanto mas irà arropado  
Quanto fuere mas en cueros.

Quisiera, aun que ciento hurtó,  
Su dueño con sentimientos,  
Mas que llevára ducientos,  
Que los ciento, que llevó.

Mas el es de los primeros  
Que ignorò caso tan llano,  
Pues supò que era Italiano,  
Y no guardò del fuscueros.

La misma Etymologia  
De Moscoviale enseñò  
Por que en Español moscò  
Y en Italiano andó via.



Que le offenda mucho el frio  
Al pobre Flamenco espero,  
Por que syn bolverle elcuero  
Oy le a dexado vazio.

En los mas ocultos senos  
Te esconde por donde fueres,  
Sy por los tuyos no quieres  
Pagar los cueros agenos.

Y lo contrario no creas  
Sinò que te ande açotar  
Y para hazerlo, sacar  
Desse cuero las correas.

No an sido malos los fueros  
Que con tu muger ufaſte  
Pues sy en cueros la tomaſte,  
Tambien la dexaſte en cueros.

Pero de tu trato infiero  
Sy my reprehension no eſcuchas,  
Y deſtaſ hizieres muchas  
Que te hande eſtirar elcuero



*A vn Moco que acotaron por tener las  
uñas de mas de marca, y se la pu-  
sieron a las espaldas.*

**Q**uexavase, Iuan, el zurdo  
De que chico le llamavan  
Mas ya tiene atestacion  
De como es hombre de marca.

Para hafer mejor la prueba  
Oyle an sacado a la plaça  
Muy fogoso, aun que desnudo,  
De qualquiera intencion mala.

De camino le tomaron  
La medida a las espaldas  
Que quando un jubon le quitan,  
Al momento otro le encaxan.

Son las manos liberales  
De los verdugos de España,  
Y aun que mas se hazen de pencas  
A qui solo son avaras

No estava el zurdo contento,  
Por que con tiento no davan,



Y aun que elcurrir se queria,  
Cuerda retencion le embarga.  
Mas mudança hizo el pobre  
De lo que en su vida en calas,  
Que como ay fones que pican  
El te le pica, y le escarva.  
Pieça de paño parece  
En que le miden à varas ;  
Aun que al revers los batanes  
Le descubrieron la hilaça.  
Y con los quartos sellados,  
Sin ser moneda, en Holanda  
No les queda que temer  
Salvo la primera baxa.

*Sacando*



*Sacando a la verguença una muger,  
por no tenerla enel oficio de  
alcabueta.*

**A** la verguença facaron  
Marica por alcahueta  
Y fue la primera vez  
Que supo que era verguença.

Como sy fuera a baylar  
Salio al tablado ligera,  
Y a vnque no baylo, con todo  
Le hizieron dar vna buelta.

Mas que la afrenta, un laurel  
Se le deve a la pobreta,  
Pues hizo, sola, mas pares  
Que los que de Francia quentan.

Y para ajustar a dos  
Contrarias naturalezas,  
Es la primera muger,  
Aunque es la muger tercera.

Y assy bien puede servir  
Como tal en la viguela

que



Que aunque estâ roçada un poco  
Tiene en su abono el ser cuerda.

Y a la ausencia de marica  
Todas las moças lamentan  
Por ser muger, que ponía  
Todo cuydado sobre ellas.

Y al mismo passo los moços  
Tambien sentirân su ausencia  
Porque muchos de sus culpas  
Tuvieron de cargo en ella.





*A un Italiano que fue maestro de escuela en Italia,preciado de musico, de quien se sentia mal aun que no se dezia bien.*

**T**iene el musico que alaban  
Una voz tan general,  
Que como llega a los bajos,  
Suele a los tiples llegar.

Dizen que haze mucha fuerça  
Para poder alcançar,  
Pero que sy aprieta mucho  
passará qualquier rapaz.

Nunca ha estudiado la solfa,  
Mas tiene tal natural  
Que al mas difícil papel  
Mete la letra a compaz.

En las escuelas de Italia  
Mostrò mucha habilidad,  
Y esto es cosa tan sabida,  
Que los niños lo diran.

De grande hombre de acavallo  
Ay quien le quiere alabar



Que aun que está roçada un poco  
Tiene en su abono el ser cuerda.

Y a la ausencia de marica  
Todas las moças lamentan  
Por ser muger, que ponía  
Todo cuydado sobre ellas.

Y al mismo passo los moços  
Tambien sentirán su ausencia  
Porque muchos de sus culpas  
Tuvieron de i cargo en ella.





*A un Italiano que fue maestro de escuela en Italia,preciado de musico, de quien se sentia mal aun que no se dezia bien.*

**T**iene el musico que alaban  
Una voz tan general,  
Que como llega a los bajos,  
Suele a los tiples llegar.

Dizen que haze mucha fuerça  
Para poder alcançar,  
Pero que sy aprieta mucho  
passará qualquier rapaz.

Nunca ha estudiado la solfa,  
Mas tiene tal natural  
Que al mas difícil papel  
Mete la letra a compaz.

En las escuelas de Italia  
Mostrò mucha habilidad,  
Y esto es cosa tan sabida,  
Que los niños lo diran.

De grande hombre de acavallo  
Ay quien le quiere alabar



Pero como fube en potros  
No dudo que lo serà.

Aun que tiene un gran defeto  
En este particular

Que cavalga muy trasero  
Y asy pica muy atras.

Sibien dizen que es baliente,  
Tiene de traydor el dar  
A todos los con que riñe,  
Las heridas, por detras.

Perolas que haze en la esgrima  
Con maña y destreça igual  
Aunque abajo las a punte  
Siempre en el ojo las dà.

Testigos falsos le culpan  
En vn pecado mortal  
Pero para condenarle  
El mismo la prueva dà.

Pues tan mal guarda el secreto  
Que sy llegàre à mirar  
Descubierto el culo al diablo  
Ny al diablo perdonará.

Estan



Estan colerico, que  
Luego a los ojos se vâ,  
Pero aunque ofende las niñas  
Los niños, fuele alagar.

Y no siente los agravios,  
(Tan bueno es su natural)  
Que todo echa a las espaldas  
para no acordarse maz.

Con tener tan mala cara  
Nunca la quiere enseñar  
para destetar los niños  
Sinò para los tetar.

En las cuentas de su libro  
Un poco atrazado està  
porque los negocios que haze  
No son de multiplicar.

Alerta todo ojo, alerta,  
pero quien se escapará.  
Sy el mismo culo de Iudas  
No tiene seguridad.

Salga de la tierra, salga,  
Donde convertido en sal



Estatua segunda sea  
De los pueblos de Amorà.  
Que sy la muger de Loth  
Tuvo el castigo mortal  
por que atras bolvio unavez,  
Este siempre buelue a tras.

*Embiandome a llamar de Brucelas  
la Serenissima Reyna de  
Suecia.*

Serenissima Christina,  
Gloria y honore suecia,  
Que aunque dexais la corona  
No aveis dexado el ser Reyna.  
Ya que mandais que me parta,  
Como por medio no sea,  
Y en ser llamado de vos  
Soy llamado de my estrella,  
Alla voy por el correo,  
A las veinte, o alas treynta,

Dibu-



Dibuxado en un romance.  
De los pies a la cabeça.

Yaunque os respeto, y venero,  
No os quiero pedir licencia,  
Por no entrar pidiendo luego,  
Que es indicio de pobreza.

Vaya de romance, y ved  
Si ha sido la eleccion buena  
para explicarme mejor  
Que en muy buen romance sea.

Dezir quifiera quien soy,  
Aunque no es lo que quifiera,  
Por no meterme à provanças,  
Quando me habilito à pruebas.

Mas pues es fuerça dizirlo,  
Aunque me cueste verguença,  
Un Centauro soy, compuesto  
De musico, y de poeta.

Diferentes instrumentos  
Toco, y toco con destreza,  
Y con tocar tantos, nunca  
Toqué sobre ellos moneda.



Canto un poco de falcete  
Arrimado â una viguela  
Aunque mi mala fortuna,  
Todo contrabajos trueca.

El organo de la voz  
Tambien al harpa gorgea  
Con tan dulces passos, que  
parecen passas y almendras.

Esta es la mitad de hombre,  
La otra mitad de poeta  
Es un medio de que el mundo  
Melollame de dozenas.

Pero no tienen rason,  
por que soy hombre de prendas  
Aun que unas tengo en peñadas  
Y otras vendidas por deudas:

Con todo un soneto hize  
Que no podran malas lenguas  
(Como el assunto sois vos)  
Dezir que no es cosa buena,  
Esta es pues mi formacion,  
Y la informacion aquesta,

De



De las artes liberales  
Que en un mezquino, se encierran.  
Este soy por el correo,  
Y el que soy por la estafeta,  
Harà duda si precede  
El mandar, o la obediencia:  
Y entonces los instrumentos  
Cantando a labanças vuestras  
Seran de la fama trompas  
Seran de los siglos lenguas:  
Pero la ayuda de costa  
Aqui de molde viniera  
Y de todo el ABC  
Bastàra qualquiera letra.





*Romance que canté a la Serenissima  
Reyna de Suecia en la harpa.*

**N**imphas del Amstel, texed  
Guirnaldas de perlas ricas,  
Para darla norabuena  
A la deydad de Christina.

Dichosas vuestras arenas  
Pues que sus plantas os pisan,  
Ymbidia al tajo fereis,  
Y a sus Nereydes imbidia.

Los candidos Cysnes truequen,  
Almirarla en sus orillas,  
Las endechas de su muerte  
En aplausos de su vida.

Los pajaros en el ayre  
Con mas suave armonia  
Publiquen la norabuena,  
Repitan la bien venida.

*Estrebillo.*



Y todos aun mismo tiempo:  
Gustosos de tanta dicha,  
En sonoros eccos al ayre  
Digan viva, viva, viva,  
La de ydad soberana de Christina.

*Embiando una dama a pedir aun a-  
mante dinero para un bestido,  
por estar parida de un hijo de que  
queria hazelle padre el respon-  
dio con esta decima,*

**S**iento que no le focorra  
Mi bolça pobre, no avàra,  
En cuyo aforro no pàra  
Moneda alguna que corra.  
Mas pues se mete de gorra,  
Ya sus amantes me iguala,  
Con esta para una gala,  
(Aunque no es cosa que suena)  
Le embio, la nora buena,  
Y le embio nora mala,

I

A la



*A los Españoles haviendo derrocado la puente de  
Olivença, o quebrado algunos ojos della.*

**C**ontra vna puente provoca  
Castilla fieros enojos ,  
Y con quebrarle los ojos  
Tapar quiere al Rey la boca.  
Aunque à la puente le toca  
Agravio tan insolente,  
Que fuera accion imprudente  
Castigar à España sè,  
Estando tan loca , que  
Tira piedras à una puente.

    Tema pues la recompensa  
De una accion tan vil y atroz  
La puente de Badajoz  
De la puente de Olivença,  
Que aunque, para su defença,  
Muchos ojos la focorren  
Ojos seran que se borren,  
Y echarà de ver la gente  
Que huye de miedo la puente,  
Y que ya sus aguas corren.

Con



Con impiedad, y rigor  
Los ojos el enemigo  
Saca a Simson, y el castigo  
Mas que Justicia, estemor:  
El, con orgullo y furor  
Entra en el templo con maña  
Y le derriba, esta hazaña,  
Traça España, en sus enojos,  
Saca a una puente los ojos,  
Para que derribe a España.

A partarlas será en vano  
De la pendencia, amy ver,  
Que nadie querrá meter  
Entre dos piedras la mano.  
Sintiendo el valor losano  
De los dos arcos fatales,  
En oppuestos desiguales  
Quedarán por atrevidos,  
Los vnos, arcos rendidos,  
Los otros, arcos triumphales.





Mas que de gloria, de afrenta  
Fue la accion, cobarde, y loca;  
Pues quien la puente derroca  
Bolverla a passar no intenta,  
Renovada y opulenta  
Iura a castilla su mal,  
Por que son en Portugal,  
En el valor, y la medra,  
Las puentes, de cal y piedra,  
Los hechos, de piedra y cal.

Despues de lograr la hazaña  
El Luzo, es fuerza, que intente  
De los arcos de la puente  
Despedir flechas a España  
Reconociendo la saña  
El Español liberal  
Hará, en castigo del mal,  
Aun que es accion, torpe, y fea  
Con que toda España sea  
La puente de Portugal.

*A un*



*A un amigo pidiendome seis abanicos para una Dama,  
y una poca de agua de azar, de que le embié una  
redoma con estas decimas.*

**P**or la redoma Señor,  
Que de agua os embio, espero  
Que metengais por fullero.  
Y lo vereis, en la flor.  
Es poca, pero mejor  
Creo que no se alledentro  
En Portugal, que es su centro,  
Y assy se deve estimar,  
Pues conser agua de azar  
Se à topado por encuentro.

Que no sea una dozena  
Iusta razon me provoca,  
por que lleve enel ser poca  
El credito deser buena  
Sy otra cauza me condena  
Donde el vil interes llegue,  
Y que los ojos me ciegue,  
Temeraria se atrevio;  
por que no soy hombre yo  
Que en tan poca agua me anegue.



Dexar Señor de os mândar  
Lcs seisa banicos fiento,  
Pero promesas deviento  
En agua fuelen parar.  
No lo tomeis con pesar,  
Antes con muy buen donayre  
Por que serà gran desayre  
Si bien lo confiderais,  
Que digan que os enojais  
Tan presto por cosas de ayre.

Y essa dama principal  
Que busque serà verguença  
Ayre artificial, que vença  
Tanto calor natural.  
Con razon, que estan cabal,  
Convencida quedará,  
Y sy acaso no lo estâ,  
Y passa â porfia el ruego  
Con agua se mata el fuego  
Y asy Señor, agua vâ.

*Descul-*



*Desculpandose una dama, con llorar del cargo que  
le hazian de unos celos dio un suspiro, particular con que se descargò*

**E**stava Menga de fuerte  
Y tanto auzente llorava,  
Que ardientes suspiros dava  
Sy tiernas lagrimas vierte.  
Vno, entre muchos, tan fuerte,  
De opaca salio caverna,  
Suspiro, que amante y tierna  
A todas puede enseñar  
Agimir, y a suspirar  
Por debajo de la pierna.

Desculpa con suspirar  
Lo de que Blas le haze cargo,  
Y aun que es de viento el descargo  
Tiene otros muchos que dar.  
El que le sienta llorar  
Reconocerà su enojo,  
Pues para su amante flojo  
Tiene, quando se provoca,  
Las desculpas en la boca  
Y los suspiros al ojo.

Motto



*Motte a unos ojos azules.*

*Infierno, y cielo, cifrais.*

Ojos en vuestro color  
Teneis sosiego y desvelos,  
Por que sois del amor cielos,  
Y sois celos del amor.  
En su hermoso resplandor  
Pena y gloria publicais,  
Por cielos, gloria medais,  
Por celos, pena ofreceis,  
Que en el color que teneis  
Infierno, y cielo, cifrais.





*A vn retrato del Rey Carlos de Inglaterra, despues de su degollacion, hecho de pluma al natural.*

S O N E T O

**A** nimada ceniza al buelo deve  
De una mano veloz el ser que ostenta,  
A la infausta façon, que otra sangrienta  
Parca fatal à su deidad se atreve.

De vn razgo vive, quien de vn razgo aleve  
Horrores à dos Orbes acrecienta,  
Vn opàra en la muerte y en la afrenta;  
Otro la vida y el aplauso mueve.

Para bolar la diestra mano quiso  
Tomar la pluma con ardiente pecho,  
Amante extremo de vn dolor preciso.

Coronenla los lauros de derecho  
Pues la que no le hizole deshizo  
Y la que no le ha hecho oy le a hecho

K

A



*A la Serenissima Reyna de Suecia ha-  
viendo renunciado la Corona,*

SONETO,

**T**riumpho altiva, singular, blasona  
Christina, con la accion a que se opone  
El Imperio, magnanima, depone  
Por mayor ceptro, por mejor Corona.

Renuncia el ser, aun que el no ser pregona  
Su mas illustre ser, por que se impone  
Por la mortal, que superior dispone  
Otra immortal, que Excelça la Corona

Divina, inspiracion, impulso grave,  
Afecto valeroso, accion gloriosa  
Al mundo puede dar mas sabias leyes.

Sy aquel que a Dios imita solo sabe  
El haze Reyes, y esta, valerosa  
Supo imitar a Dios, pues hizo Reyes.

*Al*



*Al felice cazamiento de D. diego de  
paz con Esperança de Salazar  
su prima.*

S O N E T O

**S**ugeta al yugo la cerviz briosa  
Vn joven, del harpon de amor herido,  
Y en vinculo de paz recibe vnido  
De su Esperança la elecion dichosa:

En thalamo feliz amante gofa  
Breve Cielo de gloria enriquecido  
Donde el puro jazmin queda ofendido  
Y deshojada, la purpurea rosa.

Dichosa noche donde amor, ofrece,  
De sus bienes el bien mas deseado,  
Con que prodigo al joven enriquece.

Venturosa vnion, con digno lado  
Donde vn sugeto al otro se merce  
Con el gusto de amar y ser amado.

K 2

*Dando*



*Dando de sear hum amigo a outros com  
grande ostentação e pouco que comer.*

S O N E T O,

**H**um apozento nobre entapicado  
Hum rico aparador, quadradas mezas  
Hum faleyro triumphal, luzes acezas,  
De huã parte hũ Doctor, de outra, hũ letrado.

Dous irmãos, hum Elizeo, outro Iurado,  
Hum pulidete, duas partes lezas  
Hum mayor domo mor destas grandezas,  
Quatro pages, e hum quarto mal pezado.

Chega a hora da cea, e he minguada  
Pois couza que se chegue naõ chegáraõ  
Por dous pires começaõ, de felada.

Seis ovos, para sete, menistraraõ  
Huã codea de queijo destrocada  
E a sea, eos ceantes, acabaraõ.

*Pe-*



*Pedindo a Don Fernando de Ilhaõ, Agente da Serenissima Reyna de Suecia, e Sñor de Bornival, me comprasse hum leito.*

S O N E T O


**D**este graõ pezadelo, deste laço,  
Desta cama de boubas, desta broma,  
Desta peste, esta Sarna, esta corcoma,  
Desta fome cruel, deste baraço.

Desta guerra civil, deste mao paço,  
Desta persegui caõ, desta Sodoma,  
Desta carnozidade, desta goma  
Desta febre maligna, deste inchaço.

Me livras illustrissimo Fernando  
Se compras este leito, por quem vivo  
Os males referidos, soportando.

Sugeyçaõ, e obediencia te apercibo  
Teus louvores ao mundo irey cantando  
Pois me compras, se o compras, por cativo.





# CANCAO.

## *Iocoza as pazes de Inglaterra*

**A**lterados os Orbes e elementos  
Os eixos das espheras ferrugentos

Desluzidos os lucidos Planetas  
Arrastrando capuzes, e baetas.

O Ceo feito hum vinagre, vurmo, a terra,  
Fel e postema, o mar, que foy da guerra

Theatro verdemar, branda, estacada  
De huma, e outra Armada.

Os ares combalidos, e infectados,  
De horror vestidos, e de dor forrados

A fatal guerra Ingresa por mil modos  
Todos anunciaõ, porque a temem todos.

Ruge



Ruge o Leão, na brenha, enfurecido  
Do Tigre, rompe os ares o ronquido

A onça mosqueada a garra vibra  
Quepeza quando a deyta, mais delivra

Huyua o lobo voraz, que a pasto come  
Em quem mata o Mastim talvez a fome

O porco grunhidor, encrespa as fedas  
E atravessa as veredas.

Rincha o cavallo, o Burro humilde zurra  
E os dentes arreganha vendo a Burra

E todos qual do valle qual, da ferra,  
Vem â felice paz de Inglaterra.

Ladra



Ladra o fiel cachorro, experto, e raro,  
Natural de Mecina pello faro.

Mea o Gatto cazeiro, chia o Ratto,  
Come o Piolho, morde o carrapatto.

Dentre os lançois a pulga salta arisca  
Eo fujoprofovejo, corre a risca.

Zune o Mosquito, e morre às bofetadas  
Picando mais cò a voz que cò as picadas:

Trepa a Aranha sutil, e a Moscatosca  
Sequer boar taõ alto, leva mosca,

Todo este parto vil, que lança a terra,  
Vem à felice paz, de Inglaterra.

Corre



Corre amedroza lebre na campanha  
Porem mais corre o Galgo pois a apanha.  
Salta o coelho, e quando foge a o caõ  
Naõ foge a o odio interno do foraõ,  
A formiga Republica Teatina,  
Pròvida, no veraõ guarda e enfina,  
A velha dadivoza e sabia abelha  
Naõ lhe fica por dar cera em orelha,  
Cacarea a Galinha, o Gallo canta,  
Balla o cordeyro, e o Cabraõ, se espanta,  
Etodos tributarios desta Guerra,  
Vem a felice Paz de Inglaterra.

L

Naõ



Naõ faltaõ nestas cortes celebradas  
Toupeiras, sapos, biboras, dipfadas  
De goſto cheyos, de alegria fartos  
Vinhaõ dizendo cobras e lagartos.

Cantores de obra grolla ſem guitarras,  
Vieraõ tambem Raãs, grilos, cigarras

E por força poetica, do Nilo  
Sae para conſoante o Cocodrilo,

Nocturnas aves vem, negras, e ſujas  
Morcegos, cucos, mochos, e curujas

O rio, o charco, o ar, o mar, e a terra  
Todos daõ para apaz de Ingalatterra.



O Pintafigo alegre no raminho  
Canta com hum voz de Paçarinho.

O canario atiplado em passos vario  
Quando canta, tambem dança o canario.

Melozo o Rouxinol sobe de ponto  
Sobre todos lançando o contraponto.

O calhandro (falando cortezmente)  
He destro, canta bem, mas mata a gente.

Iubilado de Mestre, o Melroguia  
E as botas dos demais lhes a sobia.

A Cappela das aves vem a terra,  
Para cantar a paz de Inglaterra.



A legre o campo vem e nada perde  
Em dar â fomição e em darce hum verde  
Tras por seu Capitaõ, o alho afamado  
Inda que cabeçudo alfim barbado  
Que na ocaziaò, eno trahalho  
Mostra os dentes e hetezo com o hum alho.  
Fileiras vem de porros nas entradas  
Vestidos de armas brancas, e celladas  
As cebolas, Pimentos, e mastruços  
Elas com cascos vem, elles com chuços,  
Quanto o campo Produx, e quanto encerra  
Vem â felice paz de Ingalaterra.

A

s I

Fa-



Fazendoce de Pencas, vem cezudo  
O cardo, corcovado, e já talludo

As alcachofras vem com grande collo,  
Molherinhas por fim pouco miollo.

Veyo o mellaõ prudente em ser callado,  
E em falar de misterio graõ letrado.

Sò rabos não se acharaõ nesta empreza  
por que era dar matraca à gente Ingreza

Couves, nabos, aselgas, almeiroeñs  
Aboboras, pepinos, e agrioeñs.

Tudo por seu pè veyo nesta Guerra  
A cellebrar a paz de Ingalaterra.



Em bando vem, os passaros voando  
Sò por ouvir da paz o alegre bando.

Deixando as eyras, engeitando os ninhos,  
Andorinhas, Arvellosas, e Estorninhos.

E em diatão gostoso e festival,  
Este foy o monturo do Pardal.

Foynhos, tordos, piscos, taralthoes,  
Os simples verde lhoens.

Folozas, Tutinegras, chamarizes  
Tentilhoens, cotovias, codornizes.

Todos, de longes terras, vem à terra,  
A celebrar a Paz de Ingalatterra.

Sobe



Sobe do mar Neptuno, regelado  
De Phocas, e Tritoeñs acompanhado.  
Prezos dos mexilhoeñs, doslimos fujos,  
Com buzios, Caracois, e Caramujos  
Sae com elle o Salmaõ, e inda prezumo  
Que se achou neste conclave o de fumo  
As espalmadas folhas, o Cangrejo;  
As enguias do Tejo,  
Bodioins, Rodovalhos, bacalhaos,  
Mugeñs, Truttas, Sardinhas, Carapaos,  
Todos deixaõ seu centro, e vem a terra,  
A celebrar a Paz de Ingalaterra.

Canção



Canção cançado estou, e quem telê  
Mais cançado estará, se está depê  
Façamos termo a qui não se prosiga,  
por que não se te diga  
Vendote tão cumprida, e dilatada,  
Que não es só canção senão cançada.  
Eteñs algo de chasco  
por que te vem mais ramos que hum carraasco,  
Arvore agreste, e bruto  
porem seteñs mais ramos, teñs mais fruto





*Carta'a hum amigo' que se retirou  
a o campo pello contagio grande  
que havi na Cidade.*

**N**ão tenhais por descuydo, ou por fraqueza  
Deixar em tanto tempo de escrevervos,  
Por que foy querer por me de repreza.

Entendendo que fosse cedo à vervos,  
Não foy descuydo não, que foy cuydado.  
E hoje que deste bem quazy me vejo

Mais desvalido, quando mais privado,  
Tomo a pena na mão, por que dezejo  
Saber de vos, ja que de mim não posso

Nem saber, nem falar, fenaõ com pejo.  
Bem conheceis que mais que meu, sou vosso  
E assim me podeis dar a conta estreita

Que aprova achará certa no amor nosso  
Se de mim aquereis, ja a tenho feita  
E vola posso dar, bem facilmente.

Sem preumpção de engano nem sospeita  
Ouvi amigo pois se breuemente  
Se pode dizertanto, quanto passo

M

Depois



Depois que estou de voz, triste, e auzente  
Remando na Galè da bolça o braço  
Cadaves mais trabalha, e menos ganha.

E Como nada faço, me desfaço.  
Naõ aproveyta ja força, nem manha.  
Que o tempo vil, està trocado em tudo  
Despois deste rigor, e desta sanha.

Quem me vir cudará que fou cezudo  
Vendome andar de dõ muito composto:

Contra meu natural çalâdo, ou mudo,  
Esta trañsfôrmaçõis faz o desgosto,  
Estes cudados tras com figo o medo.

Etudo se me enxerga neste rosto  
Que vos ja conhecestes, brando, e ledo.  
Naõ quero em fim cançarvos referindo

Mil laberintos maes em que me enredo,  
Que quanto estes sentis, estou sentindo.  
Conhecendo o amor que em vos se encerra

Voume deste cudado despedindo  
E vos quero dar novas desta terra  
Edos amigos que por cã ficaraõ.



Apê quedo aos rigores desta guerra,  
Os que puderaõ todos se auzentaraõ  
Sò quem naõ pode mais deitou fateixa.

Todos os mais as velas levantaraõ.  
Porem denenhum delle temos queixa  
Que a vida he doce, aspero o perigo,

T emendo o bicho o Bicho, aterradeira  
Eo Nogueira tambem, seu grande amigo  
Foyce o coutinho o chaves, meu cunhado;

Os Nunez, o Doutor aquelle digo  
Meyo em falmoyra, meyo embalçamado.  
Foyce aquele mancebo alto, etenro

De mercador, a grandes fumos dado  
Cobiçado de tantos para genro.

Foi o ferra com elle, e foraõ tantos. (lembro

Que se huñs me esquecem, de outros naõ me  
Os que ficaraõ cá, por estes cantos  
Em caza, do amigo henriques moraõ:

Iugando todo odia como huñs santos.  
Se os males vem por bem, estes o foraõ  
Por que henriques lhe tiraõ bom barato.



Sem felhe dar, dòque os que perdem choraõ,  
Faz seu a costumado espalhafato  
Oda Guarda nas mãos de conjunção.  
Equando lhe diz bem face beato,  
Eu co amigo filva, e cabeçaõ.  
Iugamos, a moer homem comprado  
Senaõ quer jugar centos o Simaõ.  
Estes dias nos deo hum bom bocado  
Em que o nosso Romaõ, tocou, e teve  
O seu terço tambem a costumado  
O mercadinho ontem co amaõ leve  
Lha cascou ao Simaõ a fetentona.  
Naõ me admiro, que sempre felhe a treve  
O Pretinho tambem toca a chacona  
Com costa, E carriaõ posto a primira.  
Mas a ella lhe fiz eu a mamona.  
Ia naõ quer renegar o graõ Pereyra  
Encerrasse co Meza na atafona,  
Por que tem opaõ certo entre os mamotes,  
Antunes, e Pinheyro tem cenreyra  
Eno jogo dos centos, se daõ botes.



O valverde, as tabolas com todos  
Sente, mais que o perder, ouvir meus motes,  
Nunca faltaõ miroeñs que por mil modos

Façãodezesperar os jogadores  
Nenhum de nos anda choutando lodos  
Que por não ver, e ouvir, tantos horrores,

Encerrados estamos nesta escola  
Vivendo cadaqual com suas flores  
Eupor me divertir toco à viola.

Tarambotes que faço, e phantazias  
Nacidas de hum cudadão que me assola,  
Nisto amigo se passaõ cá os dias

Te que se passe omal, premita o Ceo  
Escaparnos das mãos destas Harpias,  
E entre os cornos do touro de hum boleio.

O vulgo como mosca em mel, perece,  
Sendo nesta Justiça triste reo,  
Não se vem mais que lutos, por que crece

Com tanta força omal, que a cada canto  
Huma tumba se esconde, outra parece.  
Graõjuizolhe espera a Radamanto



Nòs deytamos as barbas , em remolho  
Em quanto as dos vezinhos ardem tanto.  
Anda com tudo sobre ò ombro o olho,  
Fazendo rogativas , e plegarias  
Por que Deòs nose escape deir ao rolho.  
Bastem deste jaez , as novas varias

Que aqui vos dou, para que deistressado  
De Marce as companheiras alimarias,  
E em primeiro lugar, a o nosso amado  
Pereyra, em cuja auzencia peno, e choro  
Dò bem de sua vista desterrado  
E a vos meu amantissimo Medoro.

Mando, porem que mando , avaro, e tofco  
Se tudo quanto tenho , està com vosco.





*Mandandome pedir hum amigo duas mãos de papel de Veneza dourado, de mais de marca, que não passasse, e huas penas.*

**D**esde oje vos ponho o felo  
Pôr esta fador cruel,  
Pois mandais pedir papel  
Sabendo também fazelo.  
Duas mãos pedis, e a telo  
Não são comprimentos vão  
Volo mandara, mas são  
Conselhos o desviarão,  
Por que assim vos escuzarão  
Dous modos de bejamaos.

Para de Veneza fer  
Bem podeister por certeza  
Que o thizouro de Veneza,  
Era necessario ter.  
Dourado não pode fer  
Que não ha ouro por cá.  
Mas pois a carta meda  
Para que não passe auizo  
Se não sem e passa ofizo  
O papel não passará.

De



Demais de marca o tomãra  
A vossa curiosidade,  
Tal fora a simplicidade  
Minha, se volo mandãra.  
Se bem contudo o comprara,  
E sangrara aveã darca  
Mastemo nessa comarca,  
A donde reyna acobiça,  
Que se o encontra a Iustica  
O tome por mais de marca.

Vede em fim se o mandarey,  
Inda que arrisque a perdervos,  
Se o que gasto, em respondervos  
Toda a vida sintirey:  
Se bem, que Conciderey  
Que o mandalo era rezaõ,  
E em tal consideraçãõ  
Vos obedeço fiel,  
Naõ com mãõ deste papel,  
Mas com papel desta mãõ.



Seme tendes por amigo,  
E vos conheço portal  
Andar pareçlerá mal  
Em brincos de mãos comigo.  
Pezado fora o castigo,  
E fora o brinco pezado,  
Pois sem tervos agravado  
Taõ mal me haveis de tratar?  
Que as mãos me quereistirar,  
E deixarme decepado?

Poistal fugeyção me pos  
De nossa amizade o tratto,  
Que sofrêra hum dezacato  
Naõ tendo mãos para vos.  
E ja que fica entre nos,  
Me quero mostrar remisso  
por que naõ digais que atico  
A pendencia costumada  
Que antes naõ me meto em nada  
E lavo minhas mãos dislo.

N

O



O quanto vos enganastes  
Em pençamentos taõ vaõs,  
Cuydando tomarme as maõs  
pella ca ta que jugastes.  
Colherme às maõs procurastes,  
Mas eu que em maõs deste modo  
Naõ me levo por engodo,  
Vos quero advirtir primeyro,  
Que maõs de tanto dinheyro,  
As perdeis por naõ dar todo.

Nas Penas fereis servido  
Com animo muy inteyro,  
Que por falta de dinheiro  
Naõ deixo de estar provido.  
Asim que tende entendido  
Valerozo Manoel,  
Este animo fiel  
Que liberal me condena,  
Adarvos chasco por pena  
Pois vos modais por papel.



*Pedindome hum amigo o meu retrato.*

O meu retratô Señhor  
Me pedis que reconheço,  
Suposto que onaõ mereço  
Por muy singular favor.  
Mas tambem ferà rigor  
Sabendo o meu pobre trato,  
Para naõ mostrarme ingrato  
E acreditar-me leal,  
Que venda o original  
Para comprar o retratto.

Para conhecer-me, a tinta  
He no retrato fobeja,  
Pois sem que pintado seja  
Me conheceis pella pinta.  
Para que naõ me desminta  
Opincel toco ou errado,  
Ir com elle hera forçado,  
Para que em vossa prezença  
Iulgãceis a differença  
Que vay do vivo a pintado.



O Pincel demais primores  
Foy a vossa carta aqui,  
por que a o instante, que ali  
Me poz de trezentas cores.  
Entre os famosos pintores  
podeis vos fer o melhor,  
pois com arte superior  
Reconhecendo meu trato,  
Sò compedirme o retrato  
Me pondes de morta cor.

Naõ me quererdes ver, crede  
Que entendi, desconfiadõ,  
Naõ digo em paynel pintado  
Senaõ nem tinto em parede.  
Se de me amardes procede  
O mandarme retrattar,  
por verme nesse lugar,  
As possesnaõ o consentem  
por que para que me pintem  
He necessario pintar.

Vindo



*Vindo de pescar com hum amigo en  
tempo de grande calma,*

**E**u não sey que significa  
Contradizer que mequeixe,  
picando tão pouco o peixe  
Quanto o sol ardente pica.  
Pois tanto me mortefica  
Que não havendo jugado,  
Nem perdido, nem ganhado,  
Me chégô tanto à enfadar,  
Que hoje de não me picar  
Vou sumamente picado.





*A huma Dama que aticando huma  
Vela a apagou.*

**A** hum tempo rayva, e cubiça  
Tenho de sa ingrata vela,  
Pois sem que chegueis a ella  
Por si mesma não se àtica.  
A pagala foy justiça  
Descuido não, e assim prezo  
Ser condenado a desprezo  
Tal pavier com rezaõ,  
pois lhe chega à vossa maõ,  
Enão fica mais acezo.





*A hum homem que de huã punkada  
tirou hum dente a outro e o  
firiu no rosto.*

**P**ara tirar hum barbeiro  
Dentes, com grande rezaõ  
pagàra essa vossa maõ  
Iorge, a pezo de dinheiro.  
Sois nesse officio o primeyro,  
Inda que pello ras gunho,  
Naõ teria testemunho  
Sospeitar que foy de espada,  
por que teve de estocada,  
O ser tirada de punho.





*Abuã dama mandandome pedir ren-  
da para hum adereço.*

**N**estademanda, ou contenda,  
Grande presumção tomey  
pois como a Princepe, ou Rey,  
Sñora me pedis renda.  
Se me sabeis a fazenda  
Como pedis sem receo  
Renda para tanto arreo?  
Concertemonos na conta,  
Eo que me pedis em ponta  
Levareis em entre meyo.

E se acazo for assim  
Ficarà tudo entre nos,  
Sendo ponta para vos,  
Sendo encaxe para mim.  
Mas se he forçozo por fim  
(No mal que vos inquieta)  
Que sejam pontas, a treta  
Me fez agora lembrar  
pontas que poder mandar,  
porem são de espada preta.

*Mari-*



*Mandandome pedir hum amigo huñs  
bordoës para huã Harpa.*

**N**ão tenhais pordezigual  
Sñor, odescuydo meo,  
Entendendo que naceo  
De fer poucoliberal.  
De outra parte veyo omal  
Bem facil de conhecer,  
Por que podeis entender  
Que se aqui David viverà  
A comprar não se atrevera  
Huñs bordoes para tanger.

Novomodo de penar,  
Sñor, se pode em mim ver,  
Pois choro, para tanger  
Setangy para cantar.  
Mal se pode recear  
Nesta terra a tentação  
De huma dezesperação;  
Que amais danada porfia  
De enforcar se deixaria  
Por não cômprar hum bordão

O

De



De zeja velhice larga,  
Todo o homem com rezaõ,  
E se ade comprar bordaõ  
Os annos lhe feraõ carga.  
Sendo a pena taõ amarga  
Ninguem a brigar se atreva  
Com bordaõ, que lhe reléva,  
E com pressuposto vã  
Que neste cazo, o que dà  
He fomentes o que lêva.

E assim suposto que vaõ  
As cordas, se se repara  
Quem volas manda, mandara  
As cordas do coração.  
Bem merece estimação  
Acção taõ Purificada,  
E se em cõsonancia errada  
Tarde, nos baixos toquey,  
Foy porque thegora andey  
Co a bolça, destemperada.



*Nao me pagando hum amigo, hum pou-*  
*co de dinheyro que lhe avia ganhado a os centos.*

**V**ervos Sñor taõ remisso  
Me abraza num puro fogo,  
E por ser couza de jogo  
Que reis fazer jogo disso.  
Tanta felpa, e tanto riço,  
E pagar mal, eu não sey  
Donde aprendestes tal ley,  
Que deixaes a os avarentos?  
Quereis que o pessa em maes centos  
Que aquelles que vos ganhey.

    Iugey com vosco arriscado  
A perder, como aganhar,  
Quizme a fortuna ajudar  
Que he favor bem dezuzado.  
Ganhey enaõ sou pagado,  
Vede que mã consequencia  
Dessa vossa impertinencia  
Tiro, pois venho a saber  
Que o meu ganhar foy perder  
O tempo, e paciencia.



## M O T T E

*No tempo que era menino  
Vivia auzente querendo,  
Mas agora que me entendo,  
Nunca mas perro al molino.*

## G R O Z A.

**A** Grave força que inclina  
Meu coração a querervos  
Não procede osò de vervos,  
Cauza tem mais peregrina.  
Tanto em meu peito domina  
O fervor com que me inclino,  
Que o julgo impulso divino;  
Esta verdade entendey  
Pois sem vervos vos amey  
No tempo que era menino.



E depois que contempley  
Na ventura que gozava,  
Sem vovos, vos amava,  
Vendovos, mais vos amey.  
Taõ ambiciozo fiquey  
Da gloria que estavavendo,  
Que me torney triste, tendo  
Delgosto, no morprazer,  
Do tempo que sem vos ver  
Vivi auzente querendo.

Vendo amor que era pequena  
A Custa desta vitoria,  
Por quemereça mais gloria,  
Quiz acrecentarme a pena:  
Mas o castigo que ordena  
He tal, que vivo morrendo  
Por que mo deu, conhecendo  
Quando melhor sentir posso,  
Naõ modeu quando era moço.  
Mas agora que me eutendo.



Ao Perigo me arroyey,  
E por não viver auzente  
Toda a vida descontente,  
A vida toda arrisquey.  
Se o remedio que busquey  
Não corta o fado mofo, no,  
E o fugeito peregrino  
Que ha tantos siglos dezejo  
Algum dia em posse vejo,  
Nunca mas perro al molino.





*A hum amigo a quem morreo hum*

*moleque que estimava muyto, chamado Cabrito.*

**P**ara agora são os dõs  
Congo, Angola, são Thomè,  
Que o cabritinho mè mè  
A todos vos deixa fõs.  
Choray cazotaõ atrõs,  
E em final da grande dor  
Naõ se ouça frauta, tambor,  
Berimbao, chucalho, maço,  
Banza, afobio, cabaço,  
Pois morreo cabrito em flor.

Amigo, grande rezaõ  
Tendes para estar aflito,  
Por ver que o vosso cabrito  
Naõ chegace a ser cabraõ.  
Mas tomay consolaçaõ  
Em cazo taõ dezastrado,  
Que a inclemencia do fado  
Naõ foy de todo cruel,  
Antes foy para Azazel,  
O cabrito do pecado.

Epita-



# EPITAFIO

**Y**aze en aqueste distrito  
(Caverna que el tiempo labra)  
No aquel licenciado Cabra,  
Sinò el bachiller cabrito.  
Masaunque humano delicto  
Paga aqui su mortal vèlo,  
Servirá de mas consuelo.  
Quando el mundo llegue à ver  
Luzir cabrito, y pacer  
Con las cabrillas del Cielo.





*Reconciliandome com hum amigo sem  
ser Sacerdote.*

**G**rande admiração me pos  
Que hajais Sñor entendido  
Que metendes ofendido  
Nem que eu tal cuide de vos,  
Sa ja mais ouve entre nos  
Duvida nem diferença  
Que pedisse recompensa,  
De quem me pedis perdaõ  
Nãõ sabeis que aprezumpção  
Basta á criminar a õfença?

Claramente mostro tella  
De vos na mesma desculpa,  
Por que reconhece a culpa  
O que pede perdoens della.  
Cauza vrgente vos desvella,  
Nos descargos que me dais,  
E ser discreto mostrais  
Em que mais nãõ se confinta,  
Haver feridas de tinta,  
Que sempre deixaõ finais.

P

Se



Se loys amigo fiel,  
Foy grande temeridade  
Estragar nõssa amizade  
Com taõ nocivo papel.

O castigo mais cruel  
He o que os amigos daõ,  
E em tal consideraõ  
A queixa he justificada,  
Pois me tirais a pedrada  
E logo escondeis a maõ.

Daquillo em que se repára  
Mais, fazeis vos menos contra,  
Por que a mais pezada afronta  
He à que se diz na càra.  
Eja por tudo passàra  
Debaixo da ley de amigo,  
Mas nesta opiniaõ que figo  
Reforçais a prezumpçaõ  
Por que quem pede perdaõ  
Nãõ ameaça o castigo.

A hum



*A hum amigo deixando (contra seu natural) de escrever-me estando auzente.*

**E**ste castigo cruel  
Que cauza vossa mudança,  
He por falta de lembrança?  
Ou por falta de papel?

Huã temo, outra he defeza  
Com que queixarme não possa;  
Que bem sey que huã mão vossa  
Gasta quantas faz Veneza:

Porque fora criminal  
Origor que a sentir vim,  
Vendo que sô para mim  
Mudaveis o natural.

O crime ja succedeo;  
Na emmenda o reparo estriba;  
Não se jais com os mais Escriba  
E comigo Pharizeo.

Por que em tal credito estais  
Que ha homem (nisto me fundo)



Que diz que do outro mundo? A  
Espera que lle escrevais.

E admiração não pequena,  
Em tudo contraditoria,  
Sera, dizer que na gloria  
Ouve quem tomasse pena.

Mal que alguma me escuzeis  
Na leitura se prezume,  
Sabendo que por costume  
A devinho o que escreveis.

Constavos que tenho calos  
Deler vossas letras mãs,  
E que conheço por às  
Vossos finos e badalos.

Mas eu tiro pella tinta  
Que quer vosso natural  
Creditos deliberal  
Mostrar, nas faltas da tinta.

Naõ convence esta rezaõ  
Que quando amim me faltàra  
Para escrevervos vzara  
Do sangue do coração.



A Sorte que nos condena  
Chorarey, e com rezaõ  
Pois vos vejo perdigaõ  
E que perdestes a pena.

Mas ay que naõ se ha'de crer  
Esta minha dor sem pauza,  
Sabendose que sem cauza  
A tomais para escrever,

He miseravel o estado  
Em que por vos me conheço  
Falta de regras padeço  
Naõ podendo estar prenhado.

Naõ lhe negueis o conforto  
à Vida que fica en calma  
Ou rezarvos hey pella alma  
Entendendo que sois morto,





*A hum amigo corretor pedindolhe*

*metade da corretagem de huã letra que me tocava.*

**D**e voshoje, ingrata queixa,  
Faz com que a ira remangue  
por que a letra entra com sangue,  
Esta sem sangue medeixá.  
He sem propozito, a reixa  
Que mostra vossa amizade,  
E por justiça, e piedade,  
Se he couza que em vos penetra;  
Ia que sabeis tanta letra,  
Deixai me alcánçar metade.

Tratarme de outra maneira  
Fora acção descomedida,  
Que da palavra partida  
Se infere o não ser inteira.  
Não me mostreis tal cenreira,  
Contra vossa vrbanidade,  
E pois vos pesso a metade,  
Serã cazo avaro, e feo  
Que por couza que tem meo  
Se estrague tanta amizade.

Corra



Corra o sangue pellas veas  
Se somos iguais nos tratos,  
E pois gastei os çapatos,  
Seja a partida de meas.  
Duvidas torpes, e feas  
Renzilha são conhecida,  
Mas em cauza tão sabida  
Eu levo vencido o pleyto,  
pois vos condena o Dereito  
Segundo as Leys da partida.





*La mayor hazaña de Carlos V I.*

Que era juego de los cientos,

Al doble vengarme intēto  
Dos puñaladas por palo,  
Y no es el negocio malo  
Que dà duciētos por ciēto  
Muerto estoy,

*Don Esp.* Si hablais de veras,  
Accion fue muy resoluta;

*D. Cul.* Yo me vengarè en la fruta

Ya que llevè para peras.

*D. Esp.* Comerlas sin pan es yerro

Que no lo sufre el refran;

*D. Cul.* No las comerè sin pan,  
Que me lo à dado deperro  
De rabia arrojo veneno.

*D. Esp.* Es la virtud del buē palo  
Cōfessar no era muy malo,  
Puesto que no estais muy bueno.

*D. Cul.* Al contrario era dislate  
Cōfesar mi agravio fiero  
Y que digā que me muero  
Sin que primero le mate.  
El castigo le preyengo  
Yendole abuscar, pues oy  
Sabrà todos que me voy,  
Y al mismo puntome vengo.

*D. Esp.* Llevar podis vn criado,

*D. Cul.* Fuera a fentear mi valor

Mas vale solo Sñor

Que no mal acōpañado.

Si el criado es enemigo

De su dueno, mas me ofusco

Quando vn enemigo busco

En llevar otro con migo.

*D. Esp.* Siempre de vos presumi  
Vna accion tan alentada,  
Sabreis bien jugar la espada?

*D. Cul.* Sy pierdo, y me pico, sy.

*D. Esp.* Luego no ay q recelar,  
Por que, sin guardar decoro,

Embistireis como vn toro,  
En llegandoos a casar.

*Sale Mendrugo.*

*Men.* A tu casa, a tu presencia  
Tu enemigo te entra ayer

*D. Cul.* Grā frío deve de hazer,

*D. Esp.* Tambien con hambre  
ay licencia.

*Sale D. Canisfrel de tu fona,*

*D. Cul.* Pues dize como se atreve

A entrar a queste gañan?

*D. Can.* Traygo cō migo al refran

Del entrome aca que llueve.

*D. Cul.* Esta es acciō apretada  
Pero



## De Manuyl de Pina

Pero pues entras tirano  
He de bezarte lamano  
Que desseo ver cortada

D. *Can.* Siempre tratais de me  
honrar,

D. *Cul.* En nuestra amistad, me  
atrevo.

D. *Can.* Mucho D. Culurio,  
os devo,

D. *Cul.* Pues me lo aveis de-  
pagar.

Iuzgo q vendreis cansado,  
Como quien la causa hà  
fido,

Affy que licencia os pido  
Para daros vn bocado.

D. *Can.* Esse bocado, esse afan  
Muestra evidente testigo  
Que no es bocado de ami-  
go

Sinò bocado de Adan(xad

D. *Es.* Los cumplimientos de-  
Y reñid.

D. *Cul.* Bien advertis,  
Y affy amigo Espolianis  
Las espaldas meguardad

D. *Esp.* No harè tal,

D. *Can.* Accion villana,

D. *Esp.* Con gran razon me a-  
cobardo,

Que si acafo se las guardo  
Me las pedirà mañana.

Y No son razones baldas  
Sinò muy sabio consejo

Por que diran que estoy  
viejo

Y ando cargado de espal-  
das.

D. *Cul.* Que no me quereis  
guardar?

D. *Esp.* Mirad, la razon es esta,  
Sy fuerais dia de fiesta  
Nome pudiera escusar.

D. *Can.* para que hazeis tan-  
to exceso?

D. *Cul.* Por que aguardar no  
se exhorta,

D. *Can.* amigos somos no  
importa

No reñiremos por esso

D. *Cul.* Pues luego aque en-  
trais aqui?

D. *Can.* Sin razon, os enojais  
A saber como os allais  
De aquellos palos que  
os di.

D. *Cul.* No hede dizirlo,

Mend. Esto es malo,

D. *Can.* Yo os lo mando,

D. *Cul.* No ha defer,

Quereis por fuerça tener  
En my el mando, y el palo?

D. *Can.* Pues con soberbia vil-  
lana

Vfais tal entre los dos,

Ede vengarme de vos

Y casaros, con mi herma-  
na.



*La mayor hazaña de Carlos V l.*

D. *Cul.* Ay mas terribles en le-  
os (go?

No veis q̄ soy vuestro ami-  
Para q̄ es hablar conmigo

D. *Canistrel* por rodeos?

D. *Can.* Yo os descubriré mi  
pecho ,

mi hermana os doy liberal,

Ved (si os he tratado mal)

lo q̄ va del dicho al hecho,

Quedemos Solos los dos,

Que sy alcãcais al momẽto

moncada my pẽfamiento,

A fẽe que fereis veloz (to,

D. *Cul.* Espolianis, con respe-  
Solos nos podeis dexar,

Que sinò sabeis guardar,

hareis lo mismo al secreto

*Ale.* Desta acciõ vil, y grossera.

Oy llevar mi amo espere

La novia, como se quiere,

El dote, no como quiera.

D. *Esp.* Pues luego quedais en  
paz

Deste juego, y no picados,

D. *Can.* Deste sy, mas de los  
dados

Nome olvidarẽ jamas.

D. *Esp.* No ay juego que no  
se amalo,

D. *Can.* Mal el hombre me  
trato

D. *Esp.* Que remedio, se os co-  
gio

La runfla, toda de vn palo.

D. *Can.* no me juzgueis por-  
tirano

En lo que me sucedio,

Que en darle de palos yò  
no estubo mas en mi mano.

D. *Esp.* Pues con esso a Dios,

D. *Cul.* Os vais?

D. *Esp.* Por que mejor nego-  
cicis,

D. *Ca.* Ya amigo nome vereis?

D. *Esp.* Porque?

D. *Cul.* Sy acazo segais.

*Vasse D. Espolianis*

Desatad pues el compas

Que mi atencion os espera

D. *Can.* y el criado?

D. *Cul.* Està de fuera,

D. *Can.* dessa suerte se ve mas.

D. *Cul.* Esta muy bien adver-  
tido,

Mas dirà suerte, y verdad

D. *Can.* Moncada amigo es-  
cuchad

Con paciencia de marido.

Yo os di de palos, grossero

Y oy con piedad inhu-  
mana

Os quiero hechar con mi her-  
mana

La foga, tras el caldero.

Esto es lo que el alma siẽte

Si



*De Manuel de Pina,*

Si dello tomais agrado,  
Y os inclinais acuñaado,  
Sereis moneda corriente.  
D. *Can.* Hombre que as dicho,  
    esso es cierto?  
    O es querer darme algun  
    fusto?  
dicha será con el gusto  
Que no me caiga aqui  
    muerto.  
Oy de vna fiera sospecha  
Me libras con tal desden:  
Mil vezes bien haya amen  
El castigo que aprovecha.  
D. *Ca.* Vamos enemigo atroz,  
    Que es lo mismo que cu-  
    ñado,  
D. *Cul.* En efeto estoy casado?  
D. *Can.* Eppo es solo entre los  
    dos,  
Y es menester hablar que-  
do  
nolo escuche el Almirante  
que es tan feo, q al instante  
Meter suele avn hombre-  
miedo.  
Por que confieza tanta  
piltrafa, suya se cuenta,  
Que para su armada intèra  
Tomarla para Almiranta.  
D. *Cul.* Y ella, corresponde  
    al loco?  
    Essos nauticos extremos,  
    Sospechas, averi guemos,

zelos, vamos poco apoco.  
D. *Can.* Todo el dia van en  
    coche  
    Los dos cõ grande alegria;  
D. *Cul.* Sy hazen esso en todo  
    el dia  
    Que harã en toda la noche?  
D. *Can.* En desverguença tan  
    rara  
    Qual aqui le significan  
    Espuelas de honor le picã  
    Y freno de amor le para.  
D. *Cul.* q biẽ mi cuñado garla,  
    Mas en tal supercheria,  
    No salir es cobardia  
    E ingratitud es dexarla.  
D. *Can.* avnque escuchais sus  
    mudanças  
    No le culpeis el asan,  
    Por que no solo en Oran  
    Se ha de servir cõ dos lãças.  
D. *Cul.* Por Dios que le he de  
    hazer rajas,  
    Que ya el coraçõ, horrẽdo  
    Oyò el militar estruendo  
    de las trompas, y las cajas.  
D. *Ca.* El Almirante de Embudo  
    Es el que caerã de risa,  
    Y sy os quitais la camisa,  
    bien podeis salir desnudo,  
    por que para mil bizarmas  
    sabe el mudo, asude specho  
    q teneis de azero el pecho  
    yno haveis menester armas.



*La mayor hazaña de Carlos VI.*

Venid cuñado, venid,  
Gloria, y honore de Mon-  
cada,

Que es lo mismo, quando  
nada,

Que primo hermano del  
Cid

mi hermana en aqueste dia

A la diestra, y la siniestra

Ade ser Señor, tan vuestra,

Que no ha de parecer mia

D. *Cul*, Don Canistrel, con  
vos hablo,

Ya veis mi estirpe loçana

Y que darne a vuestra her-  
mana,

Sera lo mismo, que al dia-  
blo.

Mas yo no cumplo la ley  
De vassallo verdadero

Sy antes de casar, primero

No pido Licencia al Rey,

Direis, a esse muerto de  
hambre? (do

Y desde oy quede adverti

Que me dexará tullido

Quando me tome, calam-  
bre.

Yá la que de mis extremos

Es el echizo, mas raro,

Sy tiene luz, o hase claro,

Que a la noche nos vere-  
mos.

D. *Ca*. A esperar, y a obedecer

Yrè con toda advertencia  
Hasta que traygais, licen-  
cia

Cuñado, para correr.

*Vanse los dos Y Sale Doña Pil-  
trafa Calambre, y doña Fe-  
nicia de Cayo y carreta  
criada.*

D. *Fen*. Adonde vas tan re-  
suelta?

D. *Pi*. no sè, fuera de my estoy,  
Por essa calle me voy,  
Por essotra darè buelta.

D. *Fen*. Pues quien causa tu  
mudança.

Tu pesar, me has de contar

D. *Pi*. Como sabre mi pesar  
Si no le he puesto en balan-  
ca

D. *Fen*. Pues dy aojo lo que  
pido,

Y cuentame tus fatigas,  
Que al punto que me las  
digas

Luego las tendre sabido.

D. *Pi*. Son mis fatigas tan ra-  
ras

ay Fenicia (hablo de veras)

Que creo, sy las supieras

Que nome las preguntaras.

Todo aqueste padecer,

Disculpa, sy eres amante,

Quiero bien al Almirante

Pero



*De Manuel de Pina,*

Pero no lo puedo ver  
Y aun q el de coro profano  
Yra su casa imagino  
D.Fen. Para esso, el mejor camino  
Es el que fuere mas llano.  
D.Pil. Pues carreta, esto supuestito,  
Aver ami amante vamos,  
Porq sy aqui nos tardamos  
Nollegaremos tan presto.  
Por verle el alma se abraza,  
Carr. Esta bien mas considera,  
Sy el Almirante esta fuera  
Que no hemos de allarle encasa.  
D.Pil. Nome parece esso amy,  
Mucho tu ingenio se a trasa  
Podemos allarle encasa  
Aunque ande fuera de sy.  
D. Fen. Quien cayera, ental razon?  
D.Pil. Qui en tras el amor cor- riera,  
Como yo, luego cayera  
D.Fa. A que esto es ententacio;  
D. Pil. No podra tal suceder.  
D.Fen. Sy mas tienes tu valor  
Para en las luchas de amor  
Tropear, y no caer?  
D. Pil. Pues, no sabra, mi cor- dura  
Escusar lo que me pierde,

Dexandome coger verde  
Por no caer de madura?  
Car. Sabes lo que miro yo,  
Que no ay ya que recelar  
Por que antes de madurar  
Tu hermano aqui nos co- gio.  
D.Fen. Contu licencia, esta vez  
Taparme, Piltrafa quiero,  
Por ver sy este majadero  
Descubriendome es cortes.  
*Sale D. Canistrel de tufona.*  
D. Can. Yva con vnos amigos,  
Y los dejè como os vy;  
Adonde echais por aqui?  
D. Pil. Echamos por esos tri- gos.  
D. Car. Pues el bolveros serà  
Forçoso, por q algo os vale,  
D. Pil. Quando vna muger se fale  
Sabe Dios sy bolverà.  
D. Car. Sy es acasar por que no?  
Confidera bien el caso:  
D.Pil. Por que soy yo la que caso,  
Y no hede cazarme yo.  
D.Car. mira que me haras llo- rar  
Sy das enaqueffa tema;  
D. Pil. Hermano esso quiere flema,  
D. Car. Podemonos assentar,  
D.Pil.



*La mayor ha zaña de Carlos VI.*

D. P. yo en esta relva, me çapo

D. Can. aqueſſo me maravilla,  
No es mejor en vna ſilla?

D. P. Aqueſta eſ ſilla de çapo.

D. Can. dizes bien que las  
mancillas,

Aqui no ſirven dena da

yla muger que es honrada

ha deſer de entrâbas ſillas.

Y aſſy, penſamiçtos vanos

Hermana puedes dejar

Y trata de te caſar,

Synò havra ſilla de manos

No tienes q̃ te hazer hoſca

Ny por el pergundes mas,

Que nòle conoceras

Sin que el à ti te conozca.

Tus bodas es caſo llano

que oy havemos de traçar

la mano al vno has de dar

Y darle al otro de mano.

D. P. Pues mandas, yno a con  
ſejas,

hermano tan ſin compas

Sy a çazo no tienes mas,

vn par mepreſta de orejas.

A tu reſolucion, a tu poſſia,

Tan dada al diablo eſtoy, que no ſoy mia

Y aun que mas de leviana ſe me arguya

O mia, he de ſer, oy, o he de ſer ſuya.

Al Almirante adoro aqueſto es cierto,

En el hede vivir, ſy en el me hemuerto.

Eſto hermano hade ſer, no lo contrario,

Aunque melo mandara mi vicario

No pienſes que es temor, q̃ ſy me atrevo

Al Almirante, pago lo que devo,

Y ſy ſu voluntad pago con eſta,

Vendre luego a ſaber quanto me reſta.

D. Ca. hermana del demonio, ingrata hermana

Que de villana, paſſas á avellana,

Sy mi paſſion irritas, de vn revez

Por medio he de partirte de la nuez.

Como das inhumana, y deſconpuerta

ſin embargo de embargos, la reſpuerta?

pues la fuerça, ha de hazer lo que no el ruego

Y el novio, hade eſcalarte, a fangre, y fuego.

*Mañaaſ*



## De Manuel de Pina

Mañana has de casarte, no lo ignores  
Aun que con el plazer, gruñas, y llores  
Elige pues de tan costoso, yerro  
Qual, quieres de los dos, boda o entierro?

Y aquesta cuyo arrehol,  
alegra verdes alfombras  
dando indicio, por las sombras  
del manto, que guarda vn Sol,  
quien es?

D. P. Vna amiga mia, (dado

D. *Can.* descortes, conella, he an-  
escuchad bello nublado,  
Sol de hyvierno, a medio dia,  
y entan ardientes enojos  
el perdon humilde os pido  
sy dezalumbrado he sido  
al resplandor deffos ojos.  
mas aun que las luzes bellas  
se assoman, sy, juro a Dios,  
que xarme puedo de vos,  
que me hazeis ver las estrellas  
pero podeis, estar cierta  
y dezir con mil primores,  
que el bufete de las flores  
tiene muy linda cubierta:  
no os reboceis, que quien tapa  
tan hermoso frontispicio  
que quiere dà claro indicio,  
al primer tapon çurrapa  
ser cortes comigo os toca,  
por que quien os vè cubrir  
burlando podrá dezir,  
que me dais vn tapaboca.

D. *Fen.* Doña Fenicia de Cayo  
solo mereciera tanto,  
y no es razon que mi manto  
de finezas sea ensayo.  
Y ved que no se atropella  
la ley natural aqui,  
por que quiero para mi  
lo que quiero para ella.  
yo se que os ama, y si vos  
no le amais, es grosseria,  
y largamente algun dia  
dareis cuenta estrecha a Dios.

D. *Can.* la razon que tengo es clara  
para que nunca le ame,  
pues es tal la puerca infame  
que ja mas lava la cara.  
A aborreçerse provoca  
con mil partes diferentes,  
tiene podridos los dientes,  
y le huele mal la boca.  
Es muy negra, y mui opaca,  
y la armadura de suerte,  
que para muger es fuerte,  
y para razon es flaca.

### Descubrese

D. *Fe.* hombre, de aquellos ruynes  
que comen cebolla, y ajo,  
hombre, que por vil, y bajo,

R

Neces-



## La mayor hazana de Carlos VI

necessita de chapines.

Ingrato, cuya mudança  
muestra bien que eres cruel,  
y que jamas fue fiel  
Sinó de falsa balança.  
Fementido, aleve, vil,  
por tu modo, y por tu trato,  
Hombre sin mas garavato  
que el que le cuelga a vn cádil,  
o puerca, o Limpia. desde oy  
verme la cara no esperes,  
quedate como quien eres,  
que me yre, como quien soy.

*D. Can.* Tente muger, si eres hōbre,  
tente, no caigas de riza,  
que el cabello se me eriza  
de pensar solo en tu nombre.  
Este era passo severo,  
en las comedias de traça  
y aqui ni passo, ni passa  
de vn disparate el mas fiero.  
Mas ya en el remedio di,

*D. Fen.* Suelta tirano las sayas,

*D. Can.* no he de sufrir que te vayas  
Que olerá mui mal aqui.

*D, P.* agora es tiempo carreta  
que las dos nos escurramos,  
vnta las ruedas, y vamos,

*Carr.* Sube en mi, que es linda treta

*Vanse las dos*

*D. Fen.* exemplo de hōbres crueles,  
que procuras en mi afrenta?

*D. Ca.* que quedes aun mas contēta  
que gato con cascaveles.

*D. Fen.* que satisfacion podrás  
dar a tan fiera traycion?

*D. Can.* En esta comparacion  
la satisfacion verás.  
viste la concha del mar  
en vna Tortuga calva,  
que bebe al sudor del Alva  
reglas de multiplicar,  
y luego empieça a formar,  
entre los concavos nuevos,  
a su especie mil renuevos,  
que el rocío a manos rotas  
de quantas le exparze gotas  
de tantos se encinta huevos?  
viste el Sol, a cuyos rayos  
en los campos de Adamuz,  
a vn tiempo deven la luz  
los Reyes, y los lacayos.  
i remiendo mil desmayos  
el hombre de su rigor,  
por que el ardiente calor  
todo abraza quanto encuētra,  
el fuego que reconcentra  
expelir suele en sudor?  
Viste vn arroyo de plata,  
cithara del valle yndoso,  
que con ser agua, fogoso  
des de vn risco se dezata,  
de cuya espuma de nata  
Fabrica el ayre penachos  
cuyos bolantes velachos  
se encaraman al desgaire



De Manuel de Pina

o Mariposas del aire  
o de algun viejo mostachos?  
Pues muger que tanto vió  
aplicarse puede el resto;  
y si no entiendes aquesto,  
tan poco lo entiendo yo.  
y para satisfacciones

basté, y puedes advertir  
que no se podrá dizir  
mas, en tres comparaciones.

D. Fen. Con extremos cortesanos  
y satisfacion tan rara  
por que no os cruze la cara,  
me aveis cruzado las manos.

D. Can. No dudè lo que os escucho  
Siendo muger de razon,  
por que vna comparacion  
a clara Señora mucho.

D. Fen. Don Canistrel sois cortès,  
bien se vè mas esto, es cosa,  
por dicha, dificultosa,  
que me la dais de las tres?  
el abono que buscava  
ya lo escusá mi Sospecha,  
por que ya estoi satisfecha,  
sy ha poco q hambrièta estava.  
Vuestra soi, como denantes  
que es plaça en Bretaña fuerte;

D. Can. vu stro scrè hasta la muerte,

D. Fen. exemplar fereis de amantes.

D. Can. vamos hermana, bolò,  
donde està, pierdo el sentido,  
a postarè que se ha ydo,  
claro està, pues se escurrió.

siento aquesto desatino  
por que tiene mucha labia,  
y como haze vn Sol, que rabia,  
puede perder el camino.  
Remedio eficazno halla  
mi amor en tal desventura,

D. Fen. Señor, si se pierde, al cura  
podeis hazer pregonalla.

D. Ca. no ay cura que pueda haver  
en tan infame çoçobra,  
a quien piensa que se cobra,  
quando se dexa perder.

D. Fen. Lo que me parece a mi,  
(si buscarla pretendeis)  
que por ahi le allareis,  
si es muger de por a hi.  
Y mas no ay de que quejar  
sin saber, si diligente,  
a casa fue la inocente,  
para hazeros de cenar

D. Can. que cosa puede ella hazer  
de gùsto si bien lo miro,

D. Fen. de tu prudencia me admiro  
migas, que es lindo comer

D. Can. solo con que me lo digas  
me empalago ah vil tirana!  
Fenicia, ja mas mi hermana  
comigo harà buenas migas.  
como no es la vez primera  
que se vieno, o que se vá  
he de ver si en casa està  
y en falta duermase a fuera;

D. Fen. vamos pues,

D. Can. ven a mi lado,



## *La mayor hazaña de Carlos VI.*

que del campo oy he salido  
de tu hermosura rendido,  
y de mi hermana cansado

*Vance*

*Y sale El Rey con a compañamiento  
de Grandes.*

R. escuchad vassallos mios  
pensamientos temerarios;  
que vn poco tienen de varios,  
y vn mucho de desvarios.  
ya sabeis que furibundo  
(aun que con modesta ley)  
treinta años ha que soy Rey  
en la baraja del mundo.  
Heme venido à enfadar  
y sin aguardar, por arte,  
a que alguno me descarte,  
yo me quiero descartar.  
valdevelociter soy,  
en hablar claro me fundo,  
y tengo de darme al mundo,  
si a la carne no me doy.  
Con tan apretado modo  
esta voluntad se affoma,  
que sin tener nada en Roma,  
hede yr a Roma por todo.  
y besando al Papa el pie,  
compuesto de gorra, y capa,  
tengo de dezir al Papa  
aquello que yo me fe.  
y agarrado de su faldas,  
aunque no somos iguales,  
pedirle vnos cardenales

y echallos à las espaldas.

Verè toda la nobesa,

y en efeto mejor es

dexar el Reyno por pies,

que no por el, la cabeza.

Oy, sin q me obliguen potros,

procuro, con diestra ley,

de vos otros parà Rey,

algun Rey, para vos otros.

serà la eleccion segura,

y mas dulce que vn arripe,

si tengo dicha que tope

vn Rey, en tanta figura.

estas son cosas, vassallos,

que no hande sufrir pereza,

y las traigo en la cabeza,

no en los pies, q no son callos

Aquel que le diere antojo

de obedecer ami ley,

y sabe punto de Rey

haga vn señal con el ojo,

y es el Cielo buen testigo

(que hablando con desenojos)

quiero dezir con los ojos.

aun que con el ojo digo.

Que silencio os acompaña?

que hay, tendremos Rey? no

ni vn cabello meneais (hablais

si quiera de vna pestaña?

quien tal cosa imaginara?

nadie lo sabra pensar,

vn Rey, no se puede hallar

por vn ojo de la cara?

Gr. I. no tengais por gran dislate



*De Manuel de Pina,*

el ver que mudos quedamos,  
y responder no sepamos  
a tan lindo disparate,  
por vos dos maravediz  
no damos si el diablo os toma  
ademas que nunca en Roma,  
se vio tan larga nariz,  
si os entada, como infiero,  
por q' os pica, o porque os pesa,  
la Corona en la cabeça,  
podeis poner vn sombrero.

Que digan, será rigor,  
que andais, con inquieta llama  
paxaro, de rama en rama,  
abeja, de flor en flor,  
buscando nuevos empeños  
assi en Roma, como en Flandes  
y esto lo dizen los grandes,  
y lo diran los pequeños.  
No dexéis vuestro descanso  
y entended de aquestos modos  
que hablo por boca de todos,  
y ellos, por boca de ganço.

*Gr. 2.* todos lo mismo queremos,  
porque será grande afrenta,  
que digan que no hazeis queta  
de tan amantes extremos.  
y no havemos de sufrir  
veros Señor ausentar;

*R.* quien ama puede quedar,  
a vn mismo tiempo, y partir

*Gr. 2.* el casaros, ami ver,  
fuera mas sabio consejo,  
q' sois Rey, y aun que sois viejo

obreros podeis meter.  
esto al Reyno le conviene,  
aun que la novia dirà  
que en poder de vn viejo dà  
que ni se va, ni se viene:

*R.* Vuestro amor he conocido  
y el consejo os asseguro,  
va fallos, que es tan maduro,  
que casi está ya podrido.  
si bien el casar son cosas  
de Argel, prision, y destierros,  
las mugeres son los hierros,  
y assi le llaman espòsas.  
Pero al fin, no se despide  
mi voluntad de casar,  
muger me' podeis buscar,  
que ya el cuerpo me la pide.  
vayanl a abuscar en coches,  
haganse las bodas mias,  
y sea muger de dias,  
pues q' no hade ser de noches.  
Yade las mas estiradas  
y de mas noble solar,  
Vasallos, podeis buscar  
alguna de mis privadas.

*Gr. 1.* que prudencia, y que recatos

*Gr. 2.* Su valor teme la Parca.

*Todos*

Viva el Rey de Dinamarca.

*R.* Vamos Grandes, mentecatos.

*R. 3*





## La mayor hazana de Carlos VI

### JORNADA SEGUNDA.

*Sale D. Culurio de moncada y Men-  
drugo por una parte, y el Almi-  
rante, y vn Muzico por otra*

*Alm.* Noche, descubrete el manto,  
la boca de lobo negra  
tenga piedad de vn amante,  
y aquesta vez no le muerta,  
Habla me claro: te digo,  
y los Gongorismos dexa,  
por que solo los escuros  
en las pinturas se precian.  
Ponte con el manto açul,  
y la capa negra dexa  
para los lutos de vn dia,  
que anegado en agua muera.  
No los dedos en los ojos,  
cruel, y ayrada me metas.  
siendo noche tormentosa,  
si lo puedes ser serena,  
Mira que pueden dezir,  
que de noche, y sin linterna,  
todos los gatos son pardos,  
y no seras noche buena,  
y tu, candil Celestial,  
que te detienes, que esperas?  
quieres que quede sin luz  
a la luna de Valencia?  
quita el reboço a la cara  
que Don Alvaro sequexa,  
que siendo tuyo te encubres,  
y a buenas noches le dexas.  
*D. Cul.* sin la luz, voy quasi siego;

no seas fortuna escaça  
mas gente fiento, qui en passa?  
*Alm.* passa, quien no lleva juego.  
*D. Cul.* diga quien es,  
*Alm.* pues mi nombre  
cavallero no embaraça  
*D. Cul.* dize muy bien que si passa  
queda incapaz de ser hombre.  
*Alm.* esso, si quisiere verlo  
valor tiene aqueste braço.  
*D. Cul.* pues no passò?  
*Alm.* este passo.  
fue solo para cogerlo,  
que ami nadie me avantaça  
ni me ha cogido descalço,  
y aun que passè, fue de falso,  
*D. Cul.* pues metase en la baraja  
*Alm.* hombre de estirpe villana,  
sabes que soy, noble, y crudo,  
el Almirante de embudo?  
*D. Cul.* hablara para mañana;  
Pues entre ocasiones mil  
de mi vengança seguras,  
estimo mas esta á escuras,  
que otra a moco de candil.  
Riñamos entre los dos,  
por que con colera, o flemma,  
sabad que me vâ por tema  
el mataros boto a Dios.  
*Al.* muy buen despacho me hareis  
en causa tan conocida,  
quando á mi me vá la vida  
en que vos no me mateis,  
mas no escusare el reñir



## De Manuel de Pina

si sois mi yqual, avn que mucra

*D. Cul.* à fortuna, quien tuviera  
vna vara de medir

*Alm.* que soy soldado primero  
podeis tener advertido,

*D. Cul.* Yo nunca hê sido rompido

*Alm.* eso es hablar muy entero.

y si embisto, majadero,  
y faco la espada, andrajo,  
He de partiros, de Tajo,

*D. Cu.* pues yo os partirè de Duero.

y si alguno no os socorre,  
o no lo remedia Dios,  
corra mas sangre de vos,  
que de los dos agua corre.

*Mend.* En quanto apuntas el arco  
de tu valor, y tus brios,  
para agotar esos rios  
me he de sorber este charco,  
famulo, sera rigor  
que no vibreis esse rayo,  
si sois por dicha lacayo,

*Muz.* Soy muzico, que es peor.  
la guitarra se tocar,

*D. Cul.* dexa passar esse loco,

*Muz.* si, que passa calles toco,

*Mend.* pues ya las podeis passar.

*Alm.* si sois por dicha Español  
reñid, que yo os asseguro,  
aun q haze tan grande escuro  
de partir con vos el Sol.

*D. Cul.* encubrirme, es advertencia  
pues vera Piltrafa espero

Yo soy Frances, y no quiero,

reñir contra mi concencia.

*Alm.* Frances, bien lo presumi,  
miren si he de reñir yo,  
con quien para dizir no,  
es tal que dize nani.  
a se que por la ignorancia  
en vn tris aveis estado,  
y que os aveis es capado  
por la Corona de Francia.

*Mend.* q se escape vn hõbre, quando  
el mejor peligros topa,  
y para salvar la ropa  
diga que es de contrabando.

*Alm.* gavacho, mis desatinos  
en frenas con esta hazaña,  
trata de dejar a España  
cara Francia Montesinos.

*D. Cul.* oy a Piltrafa le deve  
aun que crudo vuiera sido,  
no haverle assado, y cozido,  
a puñaladas, de nieve.  
pero a questo se supone,  
por que à ver mi dueño voy,  
que aun que le perdono oy  
mañana Dios le perdone.

*Alm.* vete em paz alma Francesa,

*Mend.* aqueste te trata es cierto  
como si te huviera muerto,  
pues por el alma te resa.  
y aun que es jornada tamanã  
en mas noble grado voy,  
que si te acompaño soy  
el Angel que te acompaña,

*D. Cul.* a Dios Español orate

*Alm*



## La mayor hazaña de Carlos V I.

*Alm.* Frances ya no te verè.

*D. Cul.* mañana te lo dirè  
de misas, quando te mate.

*Vanse todos, y sacan luzes y sale  
Don Canistrel de Tizona y Doña  
Piltrafa su hermana.*

*D. Can.* no te sabrè encarecer  
mi sentimiento de veras,

*D. P.* Yo perderme?

*D. Can.* no pudieras  
errar, pues eres muger?

*D. P.* he buuelto a casa cansada  
de tus penosas porfias,

*D. Can.* pues quando erráras, serias  
la primer muger errada?  
hermana muy claro hablemos

*D. P.* claro está que lo procuro,

*D. Can.* yo no soy poeta oscuro  
Sin que las luzes matemos,  
Don Culurio de Moncada  
contigo se ha de casar,  
oy hermana le has de dar  
vna fiera manotada.

esta noche le pedi  
que venga a hablarte,

*D. P.* essa es buena,  
pues de noche, es alma en pena?

*D. Can.* siempre ha penado por ti,

*Sale Carreta.*

*Carr.* aqui llaman,

*D. Can.* estas cierta?

*Car.* suenan bien, y no son romos

*D. Can.* ea Piltrafa, aqui somos,  
pues ya han llamado a la puerta.  
oy tendras de amor la palma,

*D. P.* ay mi bien, aun q voy muerta  
en vano llama a la puerta  
quien no ha llamado en el alma.

*D. Ca.* de contento estamos bobos

*D. P.* enloquecer me veras,  
allá voy,

*D. Can.* pues alla vas

*D. P.* que hermano?

*D, Can.* Comante Lobos.

*Entran, y sale a la calle el Almirante,  
y un Musico, ya la ventana*

*D. Canistrel, y D. Pil-  
trafa.*

*D. Can.* habla

*D. P.* rengola perdida.

*Muz.* Llama,

*Alm.* que el pecho me abraza

*Muz.* ea vamonos a casa,

Linda fiera por mi vida.

*D. Can.* pregunta,

*D. P.* Sois vos?

*Alm.* tomára,

pues que por vos me perdi  
ser voz del pueblo, que aqui  
vuestras partes alabára,  
lo mismo que vos, es cierto  
que soi transformado, en vos

mas



## De Manuel de Pina

mas es mi penosa voz  
voz clamantis in deserto,  
voz de romadizo, y toz,  
voz tremula, voz esquivada,  
voz que nunca ha sido activa,  
por que no lo quereis vos.  
y pues ala voz primera  
con dulce voz respondeis,  
os suplico que escuchéis  
cantar vna voz de fuera.

D. P. de gusto me precepto  
y ocultarle será en vano,  
hablad, q' está aqui mi hermano  
passito, Señor, passito.

Alm. como me hazeis tal desvío  
y a los altos os trepais?

D. P. Señor por que no digais  
que los pago de vazio.

Alm. altamente respondeis,

D. Can. baxo hermana preguntais,  
cuñado, por que no entráis,  
y a la puerta os deteneis?

Alm. aqueste es Don Canistrel,  
yo me quiero desasnar,  
el Almirante del mar  
foi, si preguntais por el?  
yaun que no merezco tanto,  
cantar quisiera a Piltrafa,

D. Can. vive Dios, sino se casa,  
que le tire con yn canto.  
de rabia muero, y de pena,

D. P. en pocas cosas reparas,

D. Ca. aun que fuera, no escucharas  
el canto de la sirena.

entra vil,

*Vanse*

Alm. que no te muevas?  
desesperar me verás,  
Villalva, pues que te vas,  
y a tu hermana Juana llevas.  
cerrò en efecto, y se fue:

Muz. Será y a de edad mayor;

Alm. desprimor tue,

Muz. no Señor

primor es, pues no se ve,

Alm. si sois amigo fiel,  
como en tan fieros trabucos  
reduzis mi amor a trucos?  
esso es hazer juego del.

Muz. con menos desassosiego  
que tengais cordura os pido,  
por que mi atencion ha sido  
devertiros con el juego.

Alm. antes a esse Polo opuesto  
a llorar tanta manzilla  
me irè, como vna canilla,

Mu. pues yo me irè, como vn cesto.

*Vanse y Sale Don Culurio de Moncada, y Mendrugo.*

D. Cul. el casco olvidè, y me pesa  
que es taimada esta muger,  
y temo que he de tener  
quebradero de cabeza

Mend. truxiste el coletto?

D. Cul. no,

Mend. luego fuiste a casa en vano?

S

D. Cul.



## La mayor hazaña de Carlos VI

*D. Cul.* Si me la diere su hermano  
Sabre pescárselo yó,  
esto que y broquel faque,

*Mend.* esos pudieras dexar,  
esto que puede passar,  
mas el broquel, para que?  
el amante que es novel  
o sea discreto, o rudo,  
haze mas con vn escudo,  
Ñor, que con vn broquel.  
más justo Fuera advertir  
la linterna,

*D. Cul.* bien advierte,  
pues solo de aqueſſa suerte,  
pudiera vn hombre luzir.

*Mend.* en la calle eſtás

*D. Cul.* ſu talle  
el Almirante merece,  
e yo (ſegun me aborrece)  
pareſco echado en la calle

*Salé Carreta.*

*Car.* bravo incendio, fuerte aſan,  
fueſſe, por que dezir pueda  
con la mucha polvoreda  
perdimos a Don Beltran.  
que el amor que le penetra  
en tan grande exceſſo de?  
mas eſte es ſin duda, cè,

*D. Cul.* hazia aqui oygo vna letra,

*Mend.* de cambio, o tonno ſuave?

*Car.* ce,

*D. Cul.* no eſcuchas?

*Mend.* ſi eſcuchè,  
mas ſi no paſſa del cè  
quien es, poca letra ſabe.

*Car.* es el Almirante?

*D. Cul.* amor  
bolvemos à competir?  
neceſſario es diſcurrir,

*Mend.* eſcurrir fuera mejor,

*Car.* Vamos, muéſtrate cortes,

*D. Cul.* ſo corrame algun buen ſáto

*Car.* no eres tu?

*D. Cul.* Vn tanto quanto,  
Ñora, y vn ſi es, no es. (venir

*Car.* Carreta ſoi, mui bien puedes

*Mend.* anda, que te inquieta?

a un que entan mala carreta  
na ſera mucho que ruedes.

*D. Cul.* a queſta es carreta, o coche,  
de aquel pecho de diamante,  
que busca al tal Almirante,  
a eſcuras, y a trochimoche  
para éntarle en ſu retrete,  
ha ingrata bella, y feróz!

mas yo mudarè la voz

en vn poco de falſete.

vamos carreta,

*Car.* yo he muerto  
las luzes, y el buen Tizona,  
a ſu quarto hecho vna Mona  
ſe fue, todo aqueſto es cierto,  
aſelo de la mano.

*D. Cu.* ſingeniendrugo, habla bajo,

*Mend.* ſi me eſtiro. y ſe me arrugo,

por no parecer Mendrugo,

temo



## De Manuel de Pina

temo perecer tassaio.

*afese Mendrugó de la capa de su amo, y entran todos.*

*Car.* entra con el pie derecho,  
por que ya en la puerta estás,

*Sale Doña Piltrafa sin luz al aposento.*

*D. Pil.* Amor no me empañes mas  
*Entran los tres*

que siento passos sospecho,

*Car.* que casquilucia, y lozana  
mirama estará?

*D. P.* quien es?

*Car.* carreta foi, no me ves?

*D. P.* qui en eres Palas Cristiana?

*Car.* al Almirante presente  
tienes,

*D. P.* yo no dudo amante.  
de que le tenga Almirante  
mas será poco veyente.

llegad, llegad, amis braços  
con valor, y con despejo,  
donde amor como àvn conejo  
os tiene armados los laços,

*D. Cul.* ciertos son los toros, pierda  
la vida en tal padecer  
ella me qui ere coger  
en algun laço de cuerda

*D. P.* En hora buena Señor  
vengais a honrar esta sala,  
Don Culurio, en hora mala,  
no llegue ni al corredor,

*D. Cul.* aquesto escuche, y no muera  
si quiera de vn tabardillo?  
mas si buelve a repetillo.  
me yrè por la puerta fuera,  
o le matare a lo menos,  
sin que lo sepa su hermano.

*D. P.* resistiros es en vano,

*D. Cul.* veneno foi de venenos,  
nadie lo podra dudar,  
que entañ infames tormentos,  
es como quento, de cuentos,  
y dezena del millar.

*D. P.* si os burlais ved, que si os cojo  
aun que sea de vna pierna,

*D. Cul.* ay, ay venga vna linterna,  
que me aveis sacado un ojo.

*Mend.* habla quedo, q es afrenta.  
que se sienta,

*D. Cul.* ay tal enojo,  
que saquen avn hombre vn ojo  
y no quieran que se sienta?

*Sale el Almirante.*

*Alm.* hecho vn perro es cosa cierta,  
que estoy de rabia, y pesar  
y como tal puedo entrar  
pues allé la puerta abierta;  
o que celoso abestruz  
estoy,

*Ruido dentro.*

*D. P.* Si aqueste es mi hermano,  
que me ha de topar es llano  
tan muerta como la luz.



## La mayor hazaña de Carlos V I.

*Sale D. Canistrel con la espada desnuda y una luz.*

D. Can. no ay mas llaneza en verdad  
huelgome de ver los dos,  
esto es lo que quiere Dios,  
la buena conformidad.

contra mi gusto en effeto  
en casa os haveis entrado,

D. Cul. Dadme licencia, cuñado,  
para que os pierda el respeto.

D. Can. dezid como en essa calle  
en mi, que todo os escucho;

D. Cul. pues quando os parezca  
mucho

me podeis mandar que calle.

D. P. quien vio tragedia mas fea  
cielos, que aquesta que miro?  
estoi por dar un suspiro,  
aun que sea como sea.

D. Cul. vos me distes, liberal,  
tentado de algun demonio,  
palavra de matrimonio,  
con vuestra hermana carnal.

Alm. que le escucho, y dissimulo?

aqueſſo seguir no puede,  
que si mi amor le precede  
en tiempo, el contrato es nulo

D. Can. ha muger q mal me has echo!  
incapaz me siento, y flojo,  
que si me has sacado vn ojo,  
que alegare de derecho?

D. P. en esso, no hablas experto,  
que antes puedes, impertuno,  
de derecho alegar vno,

y alegar otro de tuerto.

D. Can. aqui no sirven çoçobras,  
por que no guardamos cabras,  
lo que hã de hazer las palabras  
remitamos lo à las obras,  
yo os prometi liberal  
mi hermana, y ella, constante,  
se prometio al Almirante  
de vna enfermedad mortal.

ya sabeis que no es razon

vna Dama principal,

ser de dos, sin ser Real,

o por lo menos doblon.

has queta hermana q empieças

y que los dos son remotos,

yo os quiero quebrar los votos

por qucos quebreis las cabezas

a desafio os obliga

mi amistad, y de los dos

a quien se la diere Dios,

el cura se la bendiga:

D. Cul. si no quedamos por buenos  
en caso tan desigual?

y entrambos quedamos mal?

D. Can. escoger del mal lo menos.

Alm. y si de los dos la estrella,

pues igual amor tuvimos,

ya que por ella morimos

nos haze morir por ella?

D. Ca. en tal caso, aun que me pese  
(no lo tengais por lisonja)

metere la novia monja,

que por las animas rese,

D. P. ay muger mas desdichada,

arríete



De Manuel de Pina,

arriesgo estoy, si se atreve  
cadaqual, de que me lleve  
por la punta de la espada.  
con que pierdo la esperanza  
en este mal impertuno,  
de que me llevasse alguno  
por la punta de la lança.

D. *Can.* ca, el famoso guerrero  
que la pretende gozar  
em piecense a desnudar.  
el bruñido, y blanco azero.

*Alm.* oy temo mi amargo fin,  
y el riesgo está conocido,  
pues dixo azero bruñido,  
y este es tomado de orin.

D. *Cul.* es necesario primero,  
(para no haver diferencia)  
que se hayan en tu presencia  
las espadas de medir.

D. *Can.* el naípe aqui no es de espadas  
armas iguales, y dobles,  
es embistir como robles  
à coces, y bofetadas.  
y tened por caso llano,  
(haziendo como conviene)  
que qualquiera de vos tiene  
la buena dicha en la mano,  
bien podeis considerar  
que aqui no son menester  
los pies, para defender  
fino para pelear.  
que en esta esgrima eficaz  
se necessita, al reves,  
no del compaz de los pies,  
mas de los pies sin compaz

no embaraça aqui ni estorva  
la regla de los maestros,  
que no se sirven los diestros  
mas que de la linea corva.  
no desdenéis esta vez  
la ventura, cortesanos,  
y pues se os viene a las manos,  
no se os escape, por pies.

*Alm.* Sino ay padrinos, no traten  
de que riña,

D. *Cul.* bien hazeis,

*Alm.* o que mal me conocéis,  
no harè tal, aun que me maten,  
ni por pienso se imagine,  
que a demas de ser dislate,  
fuera el primer disparate  
que faltò quien le apadrine.  
aguardar es disimulo,  
de gozar esta tyrana,  
hasta que tome mañana  
quatro liciones de vn mulo.  
los doze pares he de ir  
a buscar por esos mares,  
a'que me presten dos pares  
de coces, para renir.

D. *P.* adviértote que repares,  
si lo puedes divertir,  
hasta dexarme parir  
que no te faltaran pares.

*Alm.* fabricarè mil ficciones,

D. *P.* con que alegría te escucho,

*Alm.* y quando porfien mucho,

D. *P.* que dirás?

*Alm.* direles nones.



## La mayor hazana de Carlos VI

- vos, y la Señora hermana,  
no tomareis por molestias,  
que el quedarnos para bestias  
se quede para mañana.
- D. P. pues el empeño conoces  
que busques Señor, te ruego,  
algun padrino Gallego,  
que tiran muy lindas coces.
- Alm.* dexame ami con el trato,  
que mañana se verá;  
y Don Culurio sabrá  
donde me aprieta el çapato,
- D. *Cul.* sin armas diestro, y valiente  
me allareis,
- Alm.* de vos lo fio,  
por que aqueste desafío  
cuerpo a cuerpo, es solamente.
- D. *Can.* adonde ha de ser soldados  
esta lid, cruel, y atroz?
- D. *Cul.* retoçar amurro, y coç,  
es proprio para los prados,
- Alm.* pues en el prado plantado  
vereis que nadie me doma;
- D. *Cul.* pues a mi, para que os coma  
basta hallaros en el prado.
- D. *Can.* averiguar esso toca  
Señores para mañana,  
esto es tarde, y à mi hermana  
se le abre tanto de boca.
- D. P. esso no me causa enojo  
que si mañana, ami amante  
le viere venir triumphante,  
abrirè tanto, de ojo.
- D. *Can.* pues ya las podeis liar  
si os preciais de cortesanos,  
yendo como dos hermanos,  
sin chistar, y sin mustar;  
pifad quedo,
- D. *Cul.* modos nuevos  
vereis de pifar,
- Alm.* si haré,
- D. *Cul.* teneis huevos?
- D. *Can.* para que?
- D. *Cul.* para pifar sobre huevos.
- D. *Can.* quitad los çapatos,
- D. *Cul.* falso,  
esse consejo es dilicto,  
que si los çapatos quito  
me podra coger descalço.
- D. *Can.* es, menester diligente  
(aunque esto es cosa que alegra)  
Yr como muerte de suegra,  
que dizen que no se siente,
- D. *Cul.* Vamos,
- D. *Can.* puedes alumbrar  
carreta,
- Alm.* no pretendemos  
sufrir tal, por que queremos  
enseñarnos a rodar,
- D. P. Tan mortal tormento labra  
el cuidado que me espera,  
que en toda la noche enterá  
no imagino hablar palabra,
- Alm.* dueño de mi pensamiento  
piso bien quedo?
- D. P. no ay mas,  
pifar, pero si te vàs,  
(aun que es muy passo) lo siento,
- D. *Cul.*



De Manuel de Pina,

DCul, no direis, viendo que lucho  
con tan infame desden,  
si piso quedo tambien?

DP, si, pues ni os oygo, ni escucho  
*Vanse*

Men. aun que poco le hede hallar,  
ya que te vas, y me dexas,  
dexame tus calças viejas  
que algo tendran que espulgar  
tu lado no he de dexar,  
si te embisten de tropel,  
que no se vio mas fiel  
criado, ni por criar.  
mas no temo que te coja,  
por que a quessa espada fuerte,  
es del libro de la muerte  
la mas bien escrita hoja

D. Can. no saldras ni por tu padre  
en riesgo tan conocido,  
mendrugo eres bien nacido?

Men. esso, dirá la comadre.  
*Vasse.*

D. Can. recogerme a buen biuir  
quiero ami quarto, que es tarde

DP, pues yo suspensa, y cobarde,  
ni vn ochavo hede dormir.

DCan. Cierra la puerta carrera,  
no se nos entre algun perro,  
de aquellos que, sin cencerro,  
se vienen por la estafeta.  
y tu bien puedes eniar

Gr. 1 La Gloria, que de Roma, en alto modo  
fue desde vn polo, al otro, de cantada  
bassura para vos, ha sido todo,

comeremos vn bocado,  
pues no tenemos cenado,  
que nos pueda condenar:

DP, Vamos senador Romano  
y comedor Fiera bras

D Can, hasta que no pueda mas  
hede ser siempre tu hermano

*Vanse*

*Y Sale el Rey y los Grandes.*

R donde essas chulas essan  
privados de entendimiento?

Gr aqui Saldran al momento

R Iuro atal?

Gr. y boto a San,

R. nome jureis, ni emboteis,  
los dientes con esperar,

Gr, Escuchadme, y las vereis,  
con su gala y descricion  
al natural retratadas:

R, Luego son damas pintadas?

Gr no Señor, en relacion

R, vaya pues pintor gallardo

que ya mi atencion, se ensaya,

Gr. quereis que empiece con vaya?

R para el ultimo os la guardo.

Gr digo pues desta manera,

R oygo pues de aquesta suerte,

Gr alla voy a obedecerte,

R parte amigo de carrera,



## *La mayor hazaña de Carlos VI.*

Y a vuestro parangon, el todo nada:  
a las edades tres, servir de apodo  
puede vuestra fortuna celebrada,  
por que os haze triumphar celfo destino  
oy del genero humano, y femienino.

Veinte y quatro Sñor, castas donzellas  
postradas seycran a vuestra silla,  
que delas veinte y quatro, qualquier dellas,  
lo pudiera muy bien ser en Sevilla.  
dos higas para Iupiter si estrellas  
pisa, que mas sublime maravilla  
hará vuestra potencia, quando elija  
deveintey quatro errantes vna fija.

Bien las puede mirar vuestra grandeza  
pongase los antojos muy despacio  
Viendolas cadaqual picça, por pieça  
que tomadas, estan para Palacio  
en la que Reyne el gusto, y labelleça  
Reyne, paguen las otras a essa, daçio  
y al vso de quien habla en cortesía  
essa sea Sñor, la Reyna mia.

De axar, manosfear, y tentar, trate  
lançando, el contrapunto por abajo,  
toque lamano, si ay in cantitate  
de aquello, que al reves. ha de ser tajo,  
examine del moño, al alpargate  
sin reservar, andrajo, por andrajo  
y desde las primeras, y postreras,  
de como en vbas, escoja como en peras.

La descricion, el garbo, y el asseo  
son estas veinte y quatro mara villas,  
no se inquieralo noble, o lo plebeo  
y quedese la sangre a las morçillas  
el buen gusto a de ser solo el arreo



*De Manuel de Pina,*

que aun hombre adefacar, de sus cazillas,  
de ponganse, esta vez las Magestades  
que es mayor calidad, dar Calidades.

Rapada, de las barbas, de vn rapante  
Sacamuclas famoso, y celebrado,  
esta, aun que mas semucla, en breve, instante  
de laboca Señor se la he sacado  
el segundo pimpollo, el mas fragante,  
que primero papel, hisiera, a Prado  
de un boticario es hija, que sinduda  
para sacarla, vvo Dios, y ayuda.

Latercera, es tan bella que pudiera  
tenderse por primera, y a vn por maço  
ganar anuestra madre la primera,  
y le diera yo vn tanto, a cada paço.  
es muy poco beata, aun que tercera,  
xarifa, sin ser hija de vn moraso  
Si no de un herrador, de aquesta tierra  
que tiene por acierto, lo que yerra.

La quarta, es vn bordon de la hermufura  
que con esa medida se contenta,  
hija de un matador, o matadura  
de quien avn ni la Parca, vive ezenta  
es la quintade flores, y verdura  
mossa que todo un Mayo entero ofenta,  
quinta tan imperial, nada te asombres  
que pica, yaun repica, a muchos hombres.

Son la seista y la setima, la gala  
de un letrado melon todo pepita,  
que en el buen parecer, no las iguala  
y en el mal proceder, no las ymitta  
perfecion la que sigue nos señala  
y armonica deydad, nos facilita,  
otava maravilla, al mundo rara,



## La mayor baxaña de Carlos VI

y orava de la Paschuade su cara.

Novena, a la novena, en su clausura  
haze por la Salud toda la gente,  
la decima le deve la hermosura,  
quando de laque sigue es propriamente,  
hermanas son, su padre es vn figura,  
muypreciado de noble, y de valiente,  
del Conde de Oropeza es su nobleza,  
mas su caudal Señor, poco oro pefa.

La sobrina de vn cura peregrina  
es la onzena Señor, cuya hermosura,  
libre de tia està, con ser sobrina,  
por no tener hermana el Padre cura,  
el vultro iuivisto Rey, amante inclina,  
Sy enfermo estás de amor, y quieres cura,  
pues se ofrece vn pastor oy a tu queja  
con sus onze de amor, como de oveja.

En la casta guirnalda de açucenas  
la dozena mejor, que se ha contado,  
y no de las que llaman, de dozenas,  
esta dos veces seis, viene a tu lado,  
las que faltan, o sobran, son tan buenas  
quanto va de lo vivo a lo pintado,  
¶ a las que he referido las juntas  
en Palacio rendras los doze Pares.

R. que pares, si puede ser,  
tahur no tan de antubion  
te pido?

Gr. 1. las doce son,

R. pues vamonos á comer.

Gr. 2. las manos cō gozo immenco  
tras el gusto, y el placer,  
creo que te has de comer,

R. no lo creas, ni por pienso.

Gr. 2. y entre toda la manada  
qual dellas más gracia tiene?

R. qualquiera dellas me viene  
si no de molde, pintada.  
y para escusar mas pena  
vna elijo de capricho,  
buena, según aveis dicho,  
con que haremos vna, y buena.

Gr. 1. quales?

R. no



## De Manuel de Pina

R. noveismajadero,  
que es de politica ley  
razon de estado en vn Rey,  
tener vn fuego barbero.

Gr. 2. porque mas que boticario?

R. por que al hierro con destreza,  
me ponga la barba tieza  
y se la tenga al contrario.  
con grande facilidad,  
sin lança, arcabuz, ni caxa,  
es bastante su nauaja  
a rapar vna ciudad.  
y aunque tenga barbacanas  
fossos, murallas, y puentes,  
si la cogiere entre dientes  
le sabrà quitar las ganas  
de comer,

Gr. 2. segun infiero  
las bodas puedes traçar?

R. es necessario, llamar  
vn arquitecto primero.

Gr. 2. a tanta grandeza iguales  
fiestas Reales son estas,

R. pues quando se hizieron fiestas  
sin cuncurrir los reales?

Gr. 1. dichoso dia será  
el que te espera,

R. y seria, en el mudo el primer dia  
que espera, y que no se vá

Gr. 1. vamos que havemos de hazer  
oy el diablo quatro,

Cr. 2. Vamos.  
a correr como vnos gamos  
en busca desta muger.

R. vasallos corrientes, bien  
eternizais la memoria,  
y avos se os deve la gloria  
por siempre ja mas amen.

Gr. 2. mas descubre su aficion  
quiẽ mas corre, y quiẽ mas trota

Gr. 1. Viva el Rey, viva la sota,  
y su padre el pericon.

R. viva yo, y vivais vos,  
viva quien vence, y espere  
de vivir, el que no muere,  
y esto ha de ser vive Dios.

## JORNADA TERCERA,

*Sale Don Canisfrel, y dona Finicia.*

D. Can. en fin no ay remedio?

D. Fen. no.

D. Can. porque?

D. Fen. por que es necesario  
obedecer siempre al Rey,

D. Can. esso es no estando baldado.

D. Fen. Ya se que es baldado, y que  
su edad lo puso en estado,  
que no sabrà de derecho  
por mucho q estudie en Baldo.

D. Can. que tengo de hazer?

D. Fen. Morir,

D. Can. esse remedio es contrario  
a la vida,

D. Fen. assi es verdad,  
mas será por hazer algo.

D. Can. dime no puedes huir?



## La mayor baxaña de Carlos VI.

en algun veloz cavallo  
a Francia, o Ingalaterra,  
o por lo menos al Cayro?  
donde en vn monte escōdidos  
o en casa de vn hermitaño.  
les demos mui lindos verdes  
a todos nuestros pecados,  
haziendo tan sancta vida  
que se dè el diablo, al diablo  
de ver la conformidad  
de dos pecadores sanctos,  
donde el Halcon, y el vencejo,  
el Cernicalo, y el Grajo,  
sean nuestra compañia,  
en falta de Roque, o Prado,  
donde el Oco, y el Leon,  
la Onça. y Tigre manchados,  
se admiren de no ver mancha  
en nuestros amores castos.  
y adonde sin guardainfante  
si nõ empreñas, por los cāpos  
andes a la flor del berro  
calle arriba, y calle abajo.  
no es mejor Reynar en my  
que en vn viejo mentecapto,  
que cauto miente finesas,  
so lo por razon de estado.  
no es mejor di, no es mejor?  
Don Canistrel cō treynta años,  
que el Rey cō sinquēta y cinco  
que no enbide, y tenga el maço  
ca mibien, mi mondonga,  
para quando son los Rayos?  
dela esphera luminoso?

para quando los alagos?  
no respondeis, nome hablais?  
pues por Dios si me amostaso  
que os ponga como de nuevo,  
D. Fen. Escuchad Ioven Gallardo  
que me haveis enternescido  
de suerte, que estoy vn paso  
de dar al traste con todo,  
y tripular el Rey nado.  
por que aun q̃ la electa he sido  
yo sola de veintey quatro,  
y de tantos alfileres  
pudiera andar en palacio.  
yno deydad montaras  
Sin medias, y sin çapatos,  
yr con vos amedias siempre,  
tras la Zorra, y el gazapo  
en las selvas, Nimpha hermosa  
Flor o alcacer en los prados,  
eco en los valles y fotos,  
y esparrago en montes altos,  
todo hede dexar por vos,  
de casar, no hede hafer caso,  
por que mellamen la hija  
de aquel barbero Romano  
a quien faustinas, y lamias,  
no pueden lamer los platos.  
Vengan postas, vengan bañas?  
Vengan potros, vengam tratos?  
que oy hede mostrar al mundo  
a la carne, yaun al diablo  
que amor es Dios, y q̃ triumpho  
de Reyes, y de Cavallos.

D. Can. Onilagro d e firmeza

o exem-



*De Manuel de Pina*

o exemplo de amor mas raro ,  
dexame besar, si quiera,  
el ponlevi, del çapato  
que mas a mano tuvieres,  
aun que lo murmuren quantos  
esguizeros y Alemanes,  
encierra el Palatinado.

*D. Fen.* no es tiempo agora Señor  
de episodios, ni arrumacos ,  
fino de dar con los vultos  
en dos frisiones de paço  
que nos pongan en seis horas,  
en Moscovia, o en Cartago,  
o adonde te pareciere  
que mas seguros estamos,  
ya del Rey, ya de los grandes,  
por q es fuerça q hechẽ bãdos  
de paxaros , por cojernos,  
en rosas ligas, y laços.

*D. Can.* Vamos hermosa Romana  
adonde, no ay peso falso

*D. Fe.* por ti dexo un Reyno entero

*D. Can.* mas hago yo que me parto,  
solo para con seguir  
tu amor, a Reynos estraños,  
dexando mi honor lampiño  
en poder de dos barbados,  
que con mi hermana pretendẽ  
conjugan, de amor los casos  
de consciencia, y han salido  
a disputarlos al campo.  
y espero que delas vosẽs  
avran venido alas manos.  
mas no importa, quedense

que yo no'estoy obligado,  
mas que adexarle la mofa  
en pelo como lo hago,  
quien la llevare, la ensille  
que yo sin mas en barafos  
me voy contigo, y despues  
que nos lo demande el diablo.

*Van se y sale*

*Doña Piltrafa, y Carreta.*

*D. P.* notienes que acon sejarme  
que esto hade ser?

*Car.* considera,  
que es menester par hablar  
aun Rey , no tener verguença,

*D. P.* pues vn Rey acaso es mas,  
que un hombre ?

*Car.* de tu prudencia  
me admiro, ya se que vn Rey  
es vn hombre, y no vna bestia,  
mas el natural respeto  
que aquel simetrico en sierra,  
palmo, en que Dios quiso darle  
delos hombres la obediencia  
fuele hafer temblar atodos  
avn que enel verano sca.

*D. P.* no te de cuidado que  
loque corre pormi quenta,  
para por mi quenta bien  
enel fin de la carrera.

a su spies tengo de echarme,

*Car.* pensẽ que a lacabesera,  
*DP.* y hablarle en muibue Romãce  
para que mejor me entienda,



## La mayor hazañade Carlos VI

direle aquello de Inviecto  
Augusto, Quarto planeta,  
de cuya luz participa  
quanto circunda la esphera.  
y despues que de lisonjas  
llève, su media dozena  
le pedire por esposo  
al Almirante aunque sea  
Vencido de Don Culurio  
en la quadrupel palestra.

*Car.* pues estás refuelta vamos,  
*D. P.* tan refuelta estoy carrera,  
que a no estar viva, y hablar  
pensara que estava muerta.

*Vanse las dos.*

*Y Sale El Rey y los Grandes.*

*R.* Vassallos nobles, yo os pido  
que me busqueis con cuidado,  
algun juicio prestado,  
pues tengo el mio perdido.  
dezidme como se llama,  
el transgressor de la ley  
que sin respetar al Rey  
le dio jaque por la dama?  
quien es el traydor orate?  
sepa que con desa fuero  
dio jaque al lance primero,  
para que luego le mate.  
que castigo avrá que quadre  
a quien hurtò contra ley,  
la Reyna a ojos del Rey,  
y alas barbas de su padre?  
tan loco estoy vive Dios  
Grandes, en tales dislates,

que he de hazer los disparates,  
oy aun mas grandes, que voz.  
en el mundo hande dezir  
ya que perdy su hermosura  
que no he dejado locura  
que no mandasse cubrir.  
ay mas infames tormentos?  
ay ladron mas singular?  
que faltandole que hurtar,  
hurta al Rey los pensamientos,  
aprendiste en las escuelas?  
(quien eres como tellamas)  
de mi suegro, a saca damas  
en lugar de saca muelas?  
el bocado, me has quitado  
de la boca con que mueras  
saca pelillos no fueras?  
antes que saca bocado?

*Gr.* sign sepuede juzgar  
triste estas,

*Rey.* yo majadero

no estoy triste, estoy severo:  
tengo acaso, de baylar?  
Viendome sin esperança  
en el mal que me provoca  
el bailar solo le toca  
a quien hiso la mudança.  
bayle aquel ladron grossero  
Con la Reyna infausta y bella  
pues par baylar con ella  
se la ha sacado à terrero.  
yo nõ, pues ami pesar  
me privan hados crueles  
de comer pan en manteles

Ny



*De Manuel de Pina,*

ny con la Reyna folgar.  
*Gr.* no descubras tus passiones,  
que bandos liechamos ya,  
*Rey.* mal hezistes, por que avrà  
con bandos, mil sediciones.  
*Gr.* que no escape es infalible  
ni en el centro,  
*Rey.* bueno esta,  
noveis que si al centro va  
se haze al punto indevisible?  
*Gr.* pues q̃ importa que estè dētro,  
si ay lineas?  
*Rey.* linda advertencia,  
Linea de cercunferencia,  
no puede llegar al centro,  
*Gr.* que razon quita que puedan  
llegar hasta lo profundo?  
*Rey.* por que es vna bola el mundo  
y todos enella ruedan.  
*Gr.* de a hy, podemos sacar  
consequencia buena, y sola,  
de que no escurran la bola  
y vengan aqui a rodar,  
y assi entretanto que tardan  
pues no les dá tu prudencia  
orra cosa, dar audiencia,  
puede a muchos q̃ le aguardan  
y despacharlos.  
*Rey.* Rigores,  
procurais en que me empache,  
faltará quien los despache?  
no ay en la tierra Doctores?  
*Gr.* por divertir alomenos  
tus penas, puedes entrar,

*Rey.* Yo no alivio mi pesar  
con los pesares agenos,  
cansados, y estraños modos  
solicitaís ami afan,  
o Reyes de montalvan  
que aveis deser para todos!  
Vassallos impertinentes  
vamos, bien podeis entrar,  
pues me quereis condenar  
a ducientos pretendientes  
*Gr.* sea al mundo exemplo raro  
tu valor, immortal viva,  
y en los marmoles se escriba  
celebres de Topo, y Paro.

*Entran, y sale el Almirante y Don  
Culurio.*

*Alm.* Vencido estoy, nolo niego  
y convencido, bizarro  
con tan forcoso argumento.  
me haveis cogido alas manos.  
tan lindas coces tirais  
que al arcabuz mas cargado  
le podeis dar de ventaja  
la pólvora, y los balazos.  
confessar de razon devo  
lo que vi, aun que al contrario  
no podreis dezir que yo  
nolleguo avuestro capato.  
no sois mui sutil de pies  
pero tirais con buen garbo,  
mas coces que cien gallegos  
y vn convento de Bernardos  
tuviste maestro?

*D. C.* no

todo



## La mayor baxaña de Carlos VI.

todo es natural.

*Alm.* mal año?

a tomar quatro liciones  
de un maestro, fuerais raro.

D. C. dexemonos de lizonjas

*Al.* no es lizonja, por que un auto  
harè, de que assi lo siento  
y han sido passos contados.

D. C. favores son que me habeis  
no mereciendoos yo tanto  
que desta arte liberal  
nunca supe mas que vn año

*Al.* siempre la modestia há sido  
a tributo celebrado,  
y el Señal de ser baliente  
se argumenta de ser blando.  
en fin Piltrafa os llevais  
aun que es a fuerza de brazo  
pic, ante pic, como se dize,  
como mano, sobre mano,  
no hà sido pequeña dicha  
la Justicia no encontrarnos,  
que por cosas mas de marca  
os puziera, como un trapo,  
que intentais aora?

D. C. bueno,  
que vais con migo a Palacio  
hablar al Rey,

*Alm.* para que (paso

D. C. que me hagais quiero vn tras  
de Piltrafa, y confessar  
en prezencia de vn notario,  
que es mia, y puedo gozarla  
con licencia de su hermano.

*Al.* entodo hede daros gusto  
pero que mas confessado,  
mequereis, y arrepentido,

D. C. y el notario?

*Al.* era escuzado,  
que notario de mis males  
publicoa asido esse campo.

D. C. aqueste el concierto há sido,

*Al.* yo soy noble, y no reparo  
en poca cozas, y assi  
Don Culurio vamos,

D. C. Vamos.

*Vanse, y Sale Don Canistrel, y Doña  
fencia prezos, con Guardias.*

D. F. Sabe el cielo dueño mio,  
que no siento, y que no lloro,  
que te a horque el Rey q en fin,  
muerte es q hande pasar todos  
el honor siento, a quien llaman  
vn vidrio todos los doctos,  
q a qualquier porrafo qui ebra  
hasiendoce aqualquier soplo.  
mal aya la for tunilla  
sin camisa, i sin adorno,  
cuyas buéltas, y rebueltas  
nò tienen ja mas reposo.  
y aun las que dà la velera  
nò me causan alvoro to,  
las bueltas si de podenco  
me enfadan, y dan enojo.

*Guard,* que esperais q os deteneis?  
aguardais algun socorro?  
traydores que a vestro Rey



*De Manuel de Pina*

teneis de contento loco.

D, *Can.* despacio penas despacio  
no os deis tanta prissa enojos,  
a tiempo llegais corchetes  
guardas, vamos poco, apoco.  
y si venis allevarme?  
daos lugar, vnos, a otros,  
logre cadaqual su muerte,  
que muerte havra para todos  
si me enfado vive Dios,  
y desembayno el mondongo.  
dexadme hablar ami esposa  
lastimeos vn pobre meço  
si teneis el coraçon  
donde lo tienen los otros.

Dexadme hazer testamento  
que quiero mandarla vn poco  
si no he de mandarme mas,

D, F. bien puedes mandar esposo  
que obidiente me hallarás

*Guard.* parece que somos bobos,  
los oficiales no esperan;

D. *Can.* oficiales somos todos,  
pero vos, en lo preciso  
avn que nois perezosos  
nos hazeis muy mala obra,  
en llevarnos,

*Guard.* no lo ignoro,  
Mas los mandatos del Rey  
obedecer es forçoso.

D. F. nome dexa reis, si quiera,  
dar vn garrote á mi esposo  
y tener con el a solas  
dos pares de soliloquios?

*Guar.* ya estamos dentro en palacio  
no es tiempo de reconcomios,

D. *Can.* pues vive Dios q he de hablar  
como un padre en consistorio  
aunque me maten, que un Rey,  
sayones delos Demonios,  
aun que os pese, y os alivie,  
es un hombre, y yo soy otro.

D, F. a Dios esposo querido,  
por si acaso el Rey rabioso  
te condena, a ser razimo,  
y no llego a verte en mosto.

D, *Can.* a Dios mi bica, mi Fenicia,  
siento, en lance tan forçoso,  
no tener, una cebolla  
para llorar como vn tonto.  
pero en falta vna puñada  
en las narizes, vn docto  
dize, que es grande remedio  
para hazer purgar los ojos.

D. F. si pronuncias tales cosas  
me derrito, como vn plomo,  
como vna sal, me deshago  
y como vn marmol mepongo,

*Guard.* entrad que os espera el Rey,

D. C. entro, y digo destemodo,

*Guard.* entrad vos tambien Señora,

D. F. abiertos llevo los poros,  
y temo algun tromadizo  
si me entra el ayre en los lomos

*Entran por vna puerta.*

*Y Sale por otra el Rey, y los grandes  
Doña Piltrassa, y Carretta.*

D. P, Rey, del metal que quisieres  
à befar



## La mayor hazañade Carlos VI.

à besar tus plantas llega  
vna moça, como vn oro,  
con su boca, indigna y puerca.  
sin mas memorial, Sñor,  
queaquello que se me acuerda,  
te vengo de bueno, a bueno  
a pedir vna licencia.  
hablar quiero, vna palabra  
que es harto poco, y quisiera  
que me prestáras, Sñor,  
la atencion, sobre vna prenda.

*Rey.* dezid quien fois habladora  
y que quereis, bachillera:  
añe que no fois, mui mala,  
aun que no seais mui buena.  
matadme, que ya os escucho  
chasquead, que ya os pera,  
mi sufrimiento, en virtud.  
deffa carita traviessa.

*D. P.* Yo soy, invicto Monarcha,  
que en este titulo encierras.  
la mona, aque sedan todos  
y el arca abierta, en que pecan,  
Vna muger desdichada  
cuya noble decendencia.  
hade enpeçar, si me caso  
desde mi, por linea recta.  
yo foi digo, y sindizirlo,  
Vna muger, que resuelta.  
vengo apedirte vn marido,  
que sirva de cama y mesa.  
oy al campo le á sacado  
la amorosa competencia,  
de Don Culurio, que quiere,  
forçarme, si amor se fuerça.

el Almirante, Sñor,  
es mi esposo, y enconciencia  
que à mas de vn año que estoy  
casada con el à medias.  
si acaso por mi desdicha  
quiere el hãdo que le vença  
para vos, Sñor apelo,  
del rigor de la sentencia.

*Ray.* valgame Dios que hede hafer  
en tan apretada quexa?  
esta es para quien Culurio  
Vino apedirme licencia,  
y se lady, como agora  
hede quitarsela? fuera  
ser vn Rey de toma, y daca,  
quita, pone, lleva, y dexa.  
y noguardar la palabra  
que deve vn Rey demis prẽdas  
sustentar, aunque le pese  
sobre el hõbro arroba y media.  
el Almirante tambien  
está en mi servicio, y fuera  
quitarle aquesta, muger  
hafer con que mal me huela.

*Dentro Don Canistrel,*

*D. C.* Alfileres del infierno  
no me piqueis de manera,  
que se me vaya la sangre  
toda que tengo en las venas.

*Rey,* ah demiguarda, soldados,  
prended essa voz de fuera,  
y sufocalda en la carçel.

*Sale D. Canistre, y D. senicia, y echan  
se a los pies del Rey,*

*D. C.*



## De Manuel de Pina

**D.C.** Preso á tu presencia llega,  
y no á menester mas grillos  
que cantan, y no de leytan.  
ya se que vengo á morir  
mas antes Señor que muera  
has de escucharme un romãçe,  
que es cosa que no se niega.

**DP.** Cielos aqueste es mi hermano  
y Doña Fenicia aquella,  
oy temo su amargo fin,  
mas, que el fin de la Comedia.  
cubrete carreta el manto,

*Cubrense las Dos.*

**D. Can.** si dais á todos audiencia  
la atencion os reto, o Rey,  
audiat Dominatio vestra.

**Rey.** que ilusiones miro, y toco,  
fino me engañan las señas,  
este es el Caco, que hurtò  
la susodicha barbera,  
que quando menos, estuvo  
para imbestirse de Reyna;  
reñir quisiera alos dos  
y deshizoseme en flema  
la colera que tenia,  
mas yo le harè, vna, y buena,  
si le ahorco por migusto  
aun que quiera, o q no quiera.

**Grand.** ya tienes Señor de lante,  
al traydor, que aguardas? muera

**D. Can.** matarme sin confission  
es impiedad para fieras,

**D.F.** temblando estoy de contẽto.  
y aun que no tengo verguença

he de hablar vn poco al Rey  
por debaxo de la cuerda,  
oygale tu Magestad.  
antes de morir si quiera  
ya que muere por hablar,  
porque arrepentido muera.

**Rey.** Ya vos, para hablar, dezid.  
quien os á dado licencia

**D.F.** Soy procuradora suya  
en cauza propria,

**Rey.** Si agena,  
erais quando os elegi  
porque, insulsa majadera  
os fuisstes conel?

**D.F.** Señor.  
no repare tu prudencia  
en mocedades aora,

**Rey** Cordura quereis que tenga  
avista de vn vilipendio  
que hará endurecer las piedras?  
Mas por q os quise, y os quiero  
si acaso hacedis penitencia  
perdonar, hede escucharle,  
aun que a mi distancia sea  
venga el romance

**D. Can** alla vá,

**DF.** Plegue a Dios q vaya y venga  
como vá la pala al horno  
y aun mas que oregano sea.

**D. Ca.** Del Tinacrio Lilibeo  
el Flegra tiembla esgrimido,  
segundo incendio Pantagia  
de las Pandectas de Minos.  
Cuya Petecusa Eraria



## La mayor hazaña de Carlos VI

el Facó juzgò prodigio  
que en la Esphera, y en Thesalia  
muere cielo, y nace, O limpo

Rey. tente, tente, aunque el bonete  
para tenerte no he visto,  
esso es hablar en romance?  
si palavra no he entendido.  
si procuras que te entienda,  
busca el dos, y tres son cinco,  
y si hambre, y sed, tienes, pide  
pan, por pan, vino por vino.  
al juego del alfiler  
el esconder le premito,  
y à Gongora, que en picar  
alfiler tambien há sido.

D. Ca. Parca de vn Romance fuisse  
el mejor que el mundo ha visto  
y a los assomos primeros  
le dexarretaste el hilo.  
digo pues, o Rey, que amor  
vive en los ojos lacivos  
de Fenicia á mas de un año,  
haziendo cosas de niños;  
de tu decreto forçada,  
y mas del affectomio,  
se inclinò à aquello de  
cata Francia Montezinos,  
huyote el cuerpo Señor  
y del paterno bodigo  
comigo se fue la pobre,  
como se vino comigo,  
por que estando descuidados  
la turba infame de Esbirros  
dio en vn monté, y con los dos

al traste dio, ya lo, has visto,  
no te pido no lavida,  
que no soy tan necio, pido  
que no la riñas Señor,  
ni la açotes, que vn delirio  
en calenturas de amor  
sufriera el mismo Tarquino,  
con ser vn pontente Rey  
mal vencedor de si mismo  
y con esto consolado,  
yrè constante al suplicio,  
con my capuz de bayeta  
cerdado de mil ministros.  
Hazme este bien, asì vivas  
mas que el Paxaro de Egipto,  
que es á un tiempo, testador,  
y heredero de si mismo,  
y sino quieres matarme  
con infamia, dueno mio,  
y escusar los cascaveles  
muertes hay que no haze ruido  
y no muertes de carroça,  
de Rayos, truenos, y tiros,  
abraseme vna pistola,  
cargada como vn pollino,  
de polvora blanca fina  
cuyo se creto aprendimos,  
que es vn maralas callando;  
mas si es fuerza enmi o destino  
que no muera de secreto  
si no avofes, si no à gritos  
venga vn verdugo al momento  
que me ponga Rey invicto  
tan ahorcado, que parezca

que



*De Manuel de Pina,*

que no tengo para libros.

*D. Fe.* quien vió mas raro valor?

*Rey.* Admirado, y suspendido  
del officio de mis miembros  
metiene el caso, enemigos  
oy he de mostrar al mundo  
que Alexandro ha sido vn fisco  
endar su Campaspe haviendo  
confabuladola à brincos  
no de diamantes, y perlas  
mas de la cama lacivos

*Sale Don Culurio y el Almirante.*

*D. Cul.* aunque me digas o Rey,  
q á mui mal tiempo he venido  
y como comparacion,  
por los cabellos, te pido  
que lo disimules, que,  
luego sabras mi disignio.  
pero que es aquesto cielos,  
Don Canistrel? grande indicio  
es verle preso de que  
Sinduda el rey le à cogido  
con las calças en las manos,  
à pobre cuñado mio!

*Rey.* no veis q estoy despachando  
imprudente mal, nacido,  
para los muchos, vn hombre?  
como hablais?

*D. Cu.* Ya lo haveis visto,  
Mas si teneis gusto dello  
bolverè à hablar,

*R.* corrido

de su tema estoy, hablad,  
hasta que os cayga el gallillo.

*D. Cul.* yo Señor, y el Almirante,  
havra cosa de dos siglos  
quatro, o cinco, mas amenos  
que à vna moça como vn çirio  
hermana desse pobrete  
que yaze a tus pies rendido,  
amamos, sin mas ni mas.  
o por tema, o por capricho,

*Rey.* ya se toda la tramoya,  
q essa emboçada me ha dicho  
todo el caso, y que los dos  
oy al campo haveis salido;  
y que aquella para quien  
el beneplacito mio  
mepedistes, es la tal  
y por qual, que oy aqui miro

*D. Cul.* yo le hè vencido Señor  
y el concierto nuestro ha sido  
que ha de confesarlo aqui,

*Alm.* que esto escucho, y no le tiro  
alos pechos, y alcavalas  
con un cañon de Navio

*Rey.* escuchad nobles vassalos  
el mas notable delirio,  
y vereis que desta purga  
salis todos proveidos.

*D. P.* Temblando estoy,

*D. F.* estoy muerta,

*D. Ca.* yo lo estoy tambien, de frio,

*D. Cul.* oy será mia Piltrafa,

*Mom.* Oy verè el agravio mio



## La mayõr hazaña de Carlos V l.

*Car.* q̃ hartazgo darè si hay bodas?

*Gr.* que intenta el Rey?

*Rey.* ya os lo digo.

los grandes (quero dezir  
pecados mios) consejo  
me dieron, viendome viejo,  
para ayudarme a morir  
fue que me casase, y fue  
el mas breve, ya lo advierto  
que ya estuve casi muerto  
solo por que lo pensè.

Pintandome vna hermosura,  
el quererla fue forcoso,  
que vn viejo libidinoso  
embistirá vna pintura.

Consintiendo el matrimonio  
la fue migente á buscar,  
y ella no se quiso dar,  
por andar dada al Demonio.

aufentose enamorada  
con essa cara de mona,  
que llamandose Tizona  
llevò la moça colada.  
alvorotaronse aqueßos  
del bodegon demi casa,  
porque quando el Rey se casa  
se defencasan los gueßos.  
prendiendoles las malicia  
de mis guardas, y mis gentes  
están los dos penitentes  
para provar, su justicia.  
pero yo, considerada  
la causa, en mi proceder,  
vassallos pretendo haßer

vna braba Alexandrada,  
y con aqueste pretexto  
para verme arre pentido (do  
pues vn Carlos quinto hà a vi-  
quero q̃ haya vn Carlos sexsto,  
ya podeis D. Canistrel  
con la moça levantaros  
amayores, y casaros  
tan libre, como en Argel  
y assi, que en aqueste instante  
en que estoy tan liberal  
nada, salvo vn delantal,  
se os ponga aqui por delante.

*D. Ca.* O Carlos, o Rey, o Dueño.  
viva tu nombre immortal,  
dame á besar liberal  
delos pies el mas pequeño.

*D. F.* Viva del Pò hasta, el Nilo,  
tu nombre escrito en la pez,  
y en tu reyno, o Rey, estes  
sin ser Suetonio, Tranquilo.

*Rey.* no hagais de lisonjas muestra,  
por que, en aquesta ocasion,  
yo cumpli mi obligacion,  
los dos cumplireis la vuestra.  
Don Culurio sois soldado,  
yo os hè dado essa muger,  
direis que nopuede haßer  
naipe vn Rey de lo que es dado  
direis muy biẽ, y aunquetuerça  
Piltrafa desu cuidado,  
por fuerça la aveis ganado,  
casaos con ella por fuerça.

*D. P. Snor,*

*Rey*



*De Manuel de Pina,*

*Rey.* Noay que replicar,

*D. Ca.* dize el Rey muy biẽ villana,

*Alm.* Si desgustais vuestra hermana  
ved que podrá peligrar.

*D. Cul.* de que tiempo esta?

*Alm.* informa  
de seis dias solamente,

*D. Cu.* pues no veis, impertinente,  
que el feto aun notiene forma.

*D. Cul.* dadme la mano en presẽcia  
del Rey, y del Almirante,

*D. P.* nopuedo quitarme el guante  
que es devocion, y abstinencia.

*D. Cul.* Yo os tengo de descalçar  
que esta ingrata no se mude!

*D. P.* para quando me desnude  
lo podeis, Snor, dexar.

*Rey.* vassallos, estadme atentos  
que agora la hazaña empieça  
Sacada de mi cabeça  
para dexarme de quentos.  
del mundo, y de sus lisonjas  
y o procuro descartarme.  
y en vn convento encerrarme  
muy apretado, de monjas,  
dar hábitos mas, no intento  
por no abezar la persona  
habito quiero y corona,  
mas han de ser de convento,  
Reynad vos otros, Reynad.  
Carlos sexto no le quadre,  
y sino levieron padre,  
le veran paternidad.

ademas que no son todos  
infructiferos, y atentos  
padres hay en los conventos,  
que son padres por dos modos.  
Almirante, yo os prefiero  
entodo haveis de igualarme,  
y sereis sin engendrarme  
oy mi padre, compañero.  
entre aquellas santas madres  
dos pecadores seremos,  
y a lomenos, estaremos  
entre ellas, como vnos padres.

*Gr.* notable resolucion!

*D. Cul.* Zelo grande!

*D. Can.* auxilio ardiente!

*D. P.* que santico, y que prudente!

*D. F.* y que lindo, motilon,

*Alm.* pues que me meta, intentais  
sin ser de gorra, con vos,  
Vamos a servir a Dios,  
que tal la salud tengais.

*Rey.* quedate mundo, mañana,  
que defengañado estoy  
y en mi sabran todos oy,  
qual es la mayor hazaña.  
que alcançando estavitoria,  
diran sin que tengan quexa.  
Carlos sexto, el sexto dexa  
y se parte hazia la gloria.  
Conque, Senado, y comido  
de equivocos (maravilla)  
sin ser sarna o ser polilla,  
vmilde el perdon repido

yes



# *La mayor hazaña de Carlos VI*

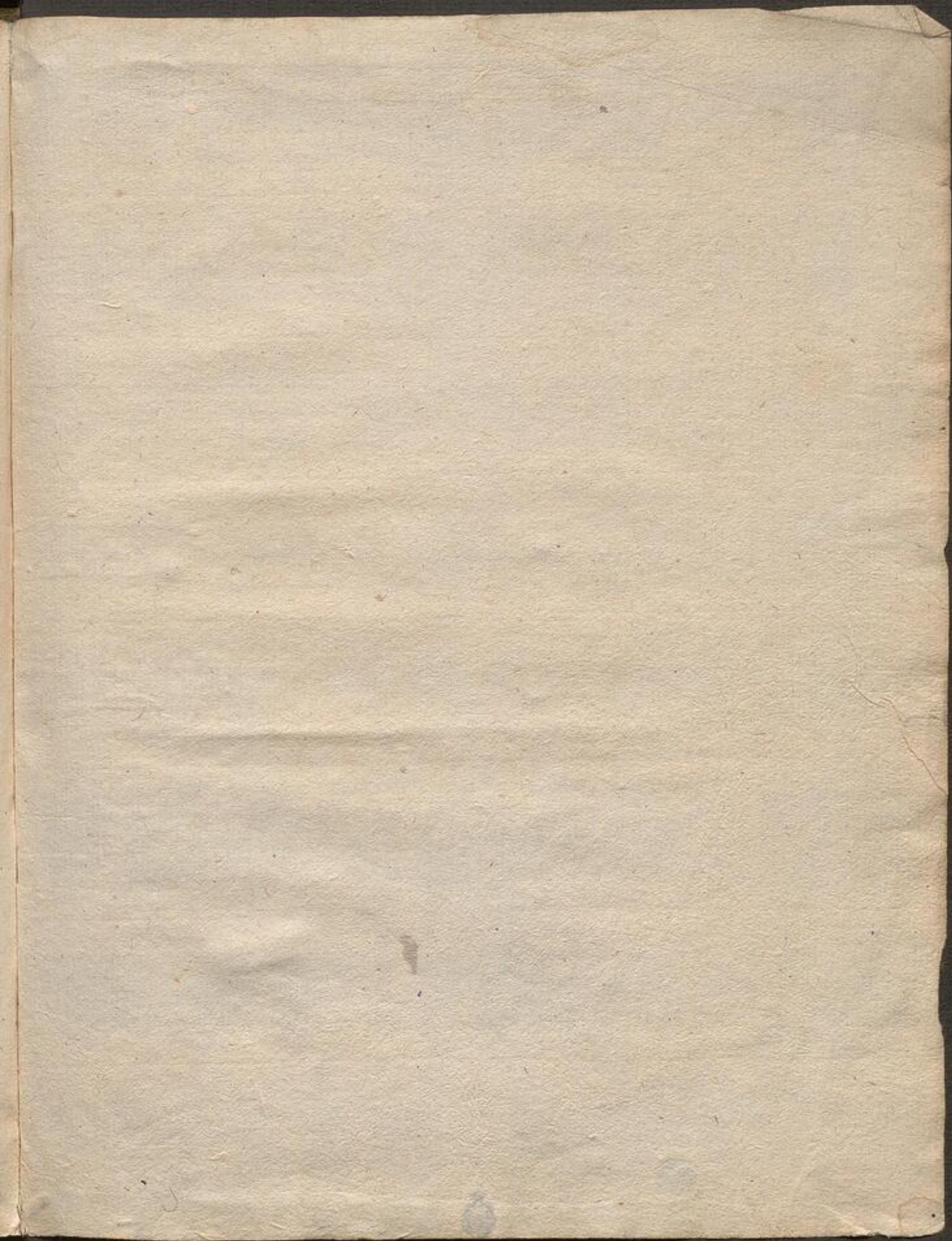
y es razon que se me dè  
para que el nombre eternize

vn premio, por que la hize  
y otro, por que la acabè.

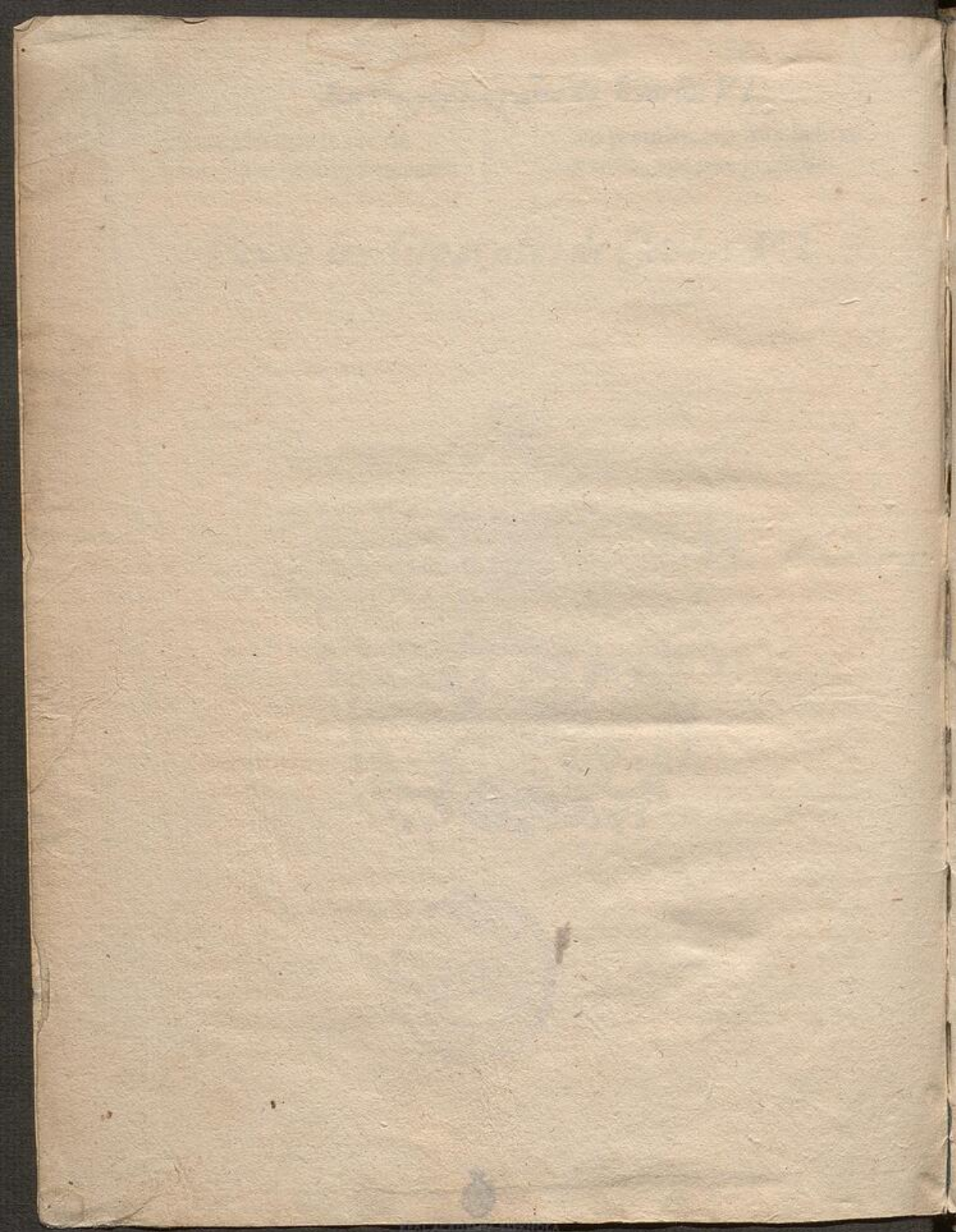
## *Finde los disparates de Carlos VI*













1775  
1776  
1777  
1778  
1779



1133

1133

510

172

451







